

GRACIANA GOEDERT

**A CULTURA GAÚCHA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
SUL-MATO-GROSSENSE SOB A ÓTICA DA ANÁLISE
CRÍTICA DO DISCURSO**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL -
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE - MS
2018**

GRACIANA GOEDERT

**A CULTURA GAÚCHA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
SUL-MATO-GROSSENSE SOB A ÓTICA DA ANÁLISE
CRÍTICA DO DISCURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado - da Universidade Católica Dom Bosco, sob a orientação da Prof^a Dr^a. Arlinda Canteiro Dorsa, para efeito de obtenção do título de Mestre.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL -
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE - MS
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G594c Goedert, Graciana

A cultura gaúcha na formação da identidade sul-mato-grossense sob a ótica da análise crítica do discurso / Graciana Goedert; orientadora Arlinda Cantero Dorsa.-- 2018.

72 f.: il.; 30 cm

Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2018

Inclui bibliografia

1. Cultura gaúcha. 2. Cultura sul-mato-grossense.
3. Desenvolvimento regional. 4. Identidades culturais.
5. Gaúchos - Rio Grande do Sul - Usos e costumes.
I.Dorsa, Arlinda Cantero. II. Título.

CDD: 306.098165

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “A cultura gaúcha na formação da identidade sul-mato-grossense sob a ótica da análise do discurso”.

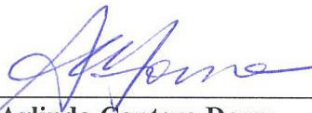
Área de concentração: Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades.

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Diversidade na Dinâmica Territorial.

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Exame de Defesa aprovado em: 19/12/2018

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco



Profª Drª Maria Augusta de Castilho
Universidade Católica Dom Bosco



Profª Drª Eliane Maria de Oliveira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Dedico esta pesquisa a Isadora e
Marcio, meus amores e minha força.
À minha mãe, Maria, por suas orações e
paciência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, por ser meu amparo e força diante do cansaço e das dificuldades;

À minha família, sem diferenciações, por ser meu orgulho, meu maior motivo de dedicação e busca por ser melhor a cada dia;

À minha mãe, marido e filha, pela batalha diária que me ajudaram a vencer ao longo deste processo;

À minha orientadora, Arlinda Cantero Dorsa, por sua inegável parceria, capacidade de motivação e amparo;

À querida professora Maria Augusta Castilho, por seu carinho e dedicação em diversos momentos ao longo deste curso;

Aos demais professores, por suas contribuições em minha formação;

Aos meus alunos, pelos quais busco cada vez mais conhecimentos, agradeço a possibilidade de convívio e o aprendizado que me proporcionam diariamente;

Aos meus colegas de curso, pelas vivências de experiências e amizades construídas ao longo das aulas, em especial à Karen Giuliano Soares, por toda ajuda e motivação.

Por fim, à minha querida amiga de longa data, Aline Kraemer de Melo, cuja ajuda tornou-se fundamental para a finalização deste trabalho, meu carinho e minha gratidão.

RESUMO

GOEDERT, Graciana. **A cultura gaúcha na formação da identidade sul-mato-grossense sob a ótica da análise crítica do discurso.** 2018. 71f. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande/MS.

A presente pesquisa tem por tema a cultura gaúcha na formação da identidade sul-mato-grossense. O objetivo geral da dissertação foi o de compreender a relação entre as culturas gaúcha e sul-mato-grossense no âmbito do desenvolvimento local e como objetivos específicos: pesquisar sobre o contexto histórico e cultural dos imigrantes gaúchos no Mato Grosso do Sul; identificar as principais influências da cultura gaúcha na cultura regional; avaliar a contribuição gaúcha para o desenvolvimento local e formação da identidade regional a partir da análise de textos jornalísticos que abordam esta questão. A partir do estudo de conceitos como cultura, identidade, memória e tradição, buscou-se compreender como essas áreas se complementam no processo de formação identitária deste povo. A pesquisa classifica-se pela tendência histórico-crítico-dialética e respalda-se, quanto às bases lógicas, pelo método indutivo, o método observacional, quanto às bases técnicas e método sistêmico, quanto ao procedimento metodológico. A coleta de dados desenvolveu-se por meio de revisão bibliográfica e documental. Foi utilizado ainda o método analítico, a partir do estudo de textos que tratam da temática gaúcha, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, de forma a decompor historicamente os fatos para, posteriormente, compreender como as partes articulam-se com o todo. Infere-se desta pesquisa que a identidade gaúcha tem-se mantido unificada em torno de suas tradições, hábitos e costumes. Neste sentido, percebe-se que há por parte da população do Mato Grosso do Sul uma identificação com esta cultura, seja na frequência aos CTGs, aos hábitos do uso do chimarrão e churrasco, músicas e danças, sem, contudo, perceber-se a mesma integração por parte da comunidade gaúcha, na absorção dos costumes locais, com raras exceções.

Palavras-chave: Cultura gaúcha. Identidade. Tradição.

ABSTRACT

GOEDERT, Graciana. **A cultura gaúcha na formação da identidade sul-mato-grossense sob a ótica da análise crítica do discurso.** 2018. 71f. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande/MS.

This research has as its theme the Gaucho culture in the formation of the South-Mato Grosso identity. The general objective of the dissertation was to understand the relationship between gaucho and south-mato-grossense cultures in the local development context and as specific objectives: research on the historical and cultural context of gaucho immigrants in Mato Grosso do Sul; to identify the main influences of the gaucho culture in the regional culture; to evaluate the contribution of Rio Grande do Sul to local development and the formation of regional identity based on the analysis of journalistic texts that address this issue. From the study of concepts such as culture, identity, memory and tradition, we sought to understand how these areas complement each other in the process of identity formation of this people. The research is classified by the historical-critical-dialectic tendency and, based on the logical bases, is based on the inductive method, the observational method, on the technical bases and systemic method, as for the methodological procedure. The data collection was developed through a bibliographical and documentary review. It was also used the analytical method, based on the study of texts that deal with the subject of Gaucho, from the point of view of Critical Discourse Analysis, in order to historically decompose the facts and later on to understand how the parts articulate with the whole. It is inferred from this research that the Gaucho identity has remained unified around its traditions, habits and customs. In this sense, it is noticed that the population of Mato Grosso do Sul has an identification with this culture, whether in the frequency of CTGs, habits of using chimarrão and barbecue, songs and dances, without, however, perceiving the same integration by the community of Rio Grande do Sul, in the absorption of local customs, with rare exceptions.

Keywords: Culture gaucho. Identity. Tradition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Índio vestido com o <i>chiripá</i> primitivo e índia com o <i>tipoy</i> (1620 à 1730).....	36
Figura 02: Vestimenta relativa à fase do <i>Chiripá Farroupilha</i>	36
Figura 03: Vestimenta relativa à fase da <i>Bombacha</i> e ao vestido de <i>Prenda</i> (<i>Séc. XX</i>)	37
Figura 04: Indumentária masculina do gaúcho típico.....	38

LISTA DE TABELAS

Quadro 01: Relação atual dos CTG's em funcionamento no estado de Mato Grosso do Sul .	46
Quadro 02: Texto jornalístico 01	52
Quadro 03: Texto jornalístico 02	52
Quadro 04: Texto jornalístico 03	53
Quadro 05: Texto jornalístico 04	54
Quadro 06: Texto jornalístico 05	55
Quadro 07: Texto jornalístico 06	55
Quadro 08: Categoria de Análise 01	56
Quadro 09: Categoria de Análise 02.....	57
Quadro 10: Categoria de Análise 03.....	58
Quadro 11: Categoria de Análise 04.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
2 O POVO GAÚCHO: CONTEXTO HISTÓRICO.....	13
2.1 O processo de colonização na região sul	13
2.2 A presença de imigrantes europeus na região sul	18
2.3 O gaúcho: origem e significado	20
3 O GAÚCHO EM SUAS INTERFACES IDENTITÁRIAS.....	23
3.1 Cultura e identidade	23
3.2 Memória e tradição	27
3.3 O movimento tradicionalista gaúcho	31
4. ASPECTOS HISTÓRICOS E A MIGRAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL	40
4.1 O contexto histórico da chegada em território Mato-grossense.....	40
4.2 Lugar, espaço, território e territorialidade	43
4.3 A perpetuação da cultura gaúcha na modernidade e os CTG's como fios condutores das relações	45
5. O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O GAÚCHO: PERCEPÇÕES ANALÍTICAS	49
5.1 Percepções sobre análise crítica do discurso	49
5.2 Percepções textuais analíticas	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

O estado de Mato Grosso do Sul possui, como característica marcante em sua formação, a mistura de diferentes povos do Brasil e de outros países, formando um mosaico de tipos locais e hábitos culturais de variadas características. Essa pluralidade muitas vezes acaba por gerar certa confusão com relação às nossas origens culturais, principalmente por parte de visitantes que, ao não perceberem uma cultura dominante, terminam por acreditar que não há uma identidade local, quando na verdade, é justamente essa miscigenação que melhor representa o estado de Mato Grosso do Sul, tendo a capital Campo Grande como o maior expoente deste contexto.

É possível citar a presença de diferentes grupos de imigrantes, como os paraguaios, bolivianos, libaneses, italianos, como também migrantes mineiros, paulistas, gaúchos, entre outros, alguns inclusive descendentes dos desbravadores que se aventuraram em Mato Grosso, ainda no século passado, como comerciantes, agricultores ou trabalhadores que vieram a serviço da implantação da estrada de ferro Noroeste do Brasil e por aqui ficaram.

Dentre tantos povos distintos que compõem o cenário local, um grupo se destaca por seu discurso de autovalorização, um tanto quanto saudosista, cuja principal característica é o enaltecimento de sua cultura e tradições, são estes os gaúchos.

A escolha do tema ocorreu, inicialmente, por uma necessidade pessoal desta pesquisadora em compreender melhor o povo gaúcho, suas origens e raízes sociais, cujo discurso deve ser alocado como sendo a principal fonte de divulgação de sua cultura e forma de ser.

Foi na busca pela compreensão das características deste povo que esta pesquisa se fundamentou. O notório orgulho dos gaúchos com relação às suas tradições e, os meios como os mesmos se utilizam para mantê-la, mostrou-se intrigante do ponto de vista científico, visto que mesmo distante de sua terra natal e, em alguns casos por décadas instalados em outros territórios, que não o seu de origem, os mesmos buscam preservar seus costumes tradicionais e a união entre os descendentes de sua região. Entender quem é o gaúcho, qual sua origem, sua afirmação enquanto referência para toda uma sociedade, quais valores culturais e demais elementos que personificam essa identidade regional, também direcionam e embasam este trabalho.

Neste sentido, a relevância do tema no âmbito acadêmico se justifica ao proporcionar discussões voltadas para a compreensão de aspectos que são base da formação cultural local, mostrando-se de importância social vital, pois, por meio da história de nossos antepassados é que se constroem as tradições, compreendem-se os costumes e se fortalece o sujeito como indivíduo capaz de evoluir a cada geração.

É importante ressaltar que esta imagem do gaúcho, desde seu contexto histórica à sua identidade e valores culturais, foram analisados a partir dos diferentes discursos apresentados. Estes discursos não representam um objeto “verbal”, autônomo, mas sim uma prática social, cultural, histórica e política, como afirma Van Dijk (2008), referencial teórico básico utilizado neste estudo.

Como questão norteadora, houve necessidade de se compreender como ocorreu o processo de apropriação territorial do povo gaúcho em Mato Grosso do Sul e qual a relevância de sua influência no âmbito do desenvolvimento local e formação da identidade cultural. Tem-se por hipótese que a partir do estudo da colonização gaúcha em Mato Grosso do Sul, foi possível compreender como ocorreu a ocupação territorial desta população no estado, bem como quais foram as contribuições deste grupo para a formação da identidade e como colaboraram para o desenvolvimento da região.

Neste contexto, o objetivo geral da dissertação foi o de compreender a relação entre as culturas gaúcha e sul-mato-grossense no âmbito do desenvolvimento local e, como objetivos específicos: pesquisar sobre o contexto histórico e cultural dos imigrantes gaúchos no Mato Grosso do Sul; identificar as principais influências da cultura gaúcha na cultura regional; avaliar a contribuição gaúcha para o desenvolvimento local e formação da identidade regional a partir da análise de textos jornalísticos que abordam esta questão.

A pesquisa classifica-se pela tendência histórico-crítico-dialética, por meio da qual se buscou a discussão do contexto social geral, utilizando-se para tanto de uma abordagem qualitativa, largamente utilizada no estudo das ciências sociais, “cujos dados não são passíveis de serem matematizados”. (MARQUES, 2006, p. 39)

A metodologia respalda-se, quanto às bases lógicas, pelo método indutivo, que é um processo inicialmente marcado pelos aspectos particulares específicos do estudo, suficientemente constatados, incluindo depois uma verdade universal (LAKATOS E MARCONI, 2004). Foi utilizado ainda o método analítico, a partir do estudo de textos que tratam da temática gaúcha, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, de forma a decompor

historicamente os fatos para, posteriormente, compreender como as partes articulam-se com o todo. Utilizou-se do método observacional, quanto às bases técnicas e método sistêmico, quanto ao procedimento metodológico.

Tem como tipologia de pesquisa, quanto aos objetivos, a análise de conteúdo, consistindo em analisar, interpretar e contextualizar os escritos contidos em livros, periódicos, dissertações, etc. A coleta de dados desenvolveu-se por meio de revisão bibliográfica e documental.

A pesquisa foi desenvolvida na região Centro Oeste do Brasil, no Estado de Mato Grosso do Sul, com foco na cidade de Campo Grande e está embasada no contexto histórico, tendo a região sul do país como pano de fundo para uma narrativa do desenvolvimento social.

A revisão teórica contemplou, no primeiro capítulo, um estudo da constituição identitária do povo gaúcho, buscando compreender a miscigenação singular ocorrida entre os grupos europeus, negros e indígenas, a partir dos quais nasce o gaúcho, personagem central deste estudo, juntamente com seus costumes característicos.

O segundo capítulo buscou compreender como os conceitos de cultura, identidade, memória e tradição se complementam no processo de formação identitária do povo gaúcho, tendo como principal referência de estudo a criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Apresenta ainda a figura idealizada do gaúcho enquanto personagem típico do Rio Grande do Sul e os principais elementos de perpetuação da tradição local.

O terceiro capítulo abordou a imigração gaúcha para Mato Grosso do Sul, partindo primeiramente da conceituação dos termos pertinentes, como lugar, espaço, território e territorialidade, que se mostram fundamentais para embasamento do contexto. Posteriormente, por meio de um viés histórico, apresentou-se o contexto social do período em que ocorreram as primeiras migrações para o estado, em um processo de (des) territorialização e (re) territorialização/ressignificação da cultura, pelo qual passaram e ainda passam os migrantes gaúchos. Por fim, um estudo dos meios de preservação da cultura gaúcha nos novos territórios tendo como principal elemento os centros de tradições gaúchas.

No quarto e último capítulo, foram selecionados textos jornalísticos publicados exclusivamente na data de 20/09, “dia do gaúcho”, que mostram a imagem social do mesmo em território sul-mato-grossense, buscando avaliar a percepção de suas relações socioculturais, por meio de diferentes ângulos de observação (gaúchos, sul-mato-grossenses e o olhar da mídia),

sob a ótica da Análise Crítica Do Discurso, a partir das categorias de macroestruturas semânticas, vistas sobre os seguintes enfoques:

Categoria 1 – Visão Histórica

Categoria 2 – Tradição

Categoria 3 – Desenvolvimento em Mato Grosso do Sul

Categoria 4 – A Semana do Farroupilha e a marca identitária dos CTGs

Na sequência, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. O POVO GAÚCHO: CONTEXTO HISTÓRICO

*“Se você bate no peito e diz “eu sou gaúcho”, é porque você conhece suas origens. É diferente com pessoas que não tem essas heranças. Não podem bater no peito e dizer “sou gaúcho”. Não, você é rio-grandense. Nasceu no Rio Grande do Sul.
(Paixão Cortez)*

O estudo da constituição identitária do povo gaúcho permeia diferentes áreas do conhecimento social, envolvendo de maneira singular a miscigenação de grupos europeus, negros e indígenas, em uma reflexão sobre as contribuições para a formação dessa cultura tão singular no seio da sociedade brasileira. Compreender as diferentes contribuições para a formação dessa cultura, enfatizando sua ocupação territorial, suas conquistas permeadas de simbologias, linguagens, modos de ser, religiosidades e, principalmente, como todos esses fatores articulam-se historicamente para a formação de uma estrutura cultural conhecido nacional e internacionalmente, se faz de suma importância para o desenvolvimento de um estudo acerca dessa temática.

Recorre-se, para tanto, aos textos de estudiosos que se dedicaram à temática, entre eles destacam-se: Pesavento (2002), Luvizotto (2009), Aqel (2011), Cunha (2012).

2.1 O processo de colonização na região sul do Brasil

No processo de ocupação territorial do que outrora fora conhecido como Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul, atual estado do Rio Grande do Sul, a geografia teve importante papel no processo de ocupação, devido principalmente ao fato da região ser vista, inicialmente, como sendo uma área acidentada, de difícil acesso, composta por serras e vales, o que dificultava a penetração do local e trazia dúvidas quanto à sua viabilidade. A região configurou-se durante muito tempo, por sua posição fronteiriça, como uma área de constantes disputas, guerras e arranjos diplomáticos, servindo como local estratégico de presença portuguesa entre as áreas de colonização espanhola, conforme divisão do território a partir do Tratado de Tordesilhas¹, que dava por direito as terras que formam o atual estado do Rio Grande do Sul à Espanha. Luvizotto (2009, p.16) assinala que: “a região era vista como “terra

¹ O Tratado de Tordesilhas foi um acordo firmado entre Portugal e Espanha, assinado na cidade espanhola de Tordesilhas - daí a origem do nome – cujo objetivo era resolver os conflitos territoriais relacionados às terras descobertas no final do século XV, o chamado “Novo Mundo”. Dividia então o Brasil em duas partes, leste (para Portugal) e oeste (para Espanha), através de uma linha imaginária denominada Meridiano de Tordesilhas. (DE OLIVEIRA ANDRADE, 1997)

de ninguém” e era povoada por índios, com apenas alguns aventureiros em busca de escravos que se arriscavam a adentrar naquele território de difícil acesso”.

Ainda segundo o autor acima citada, a história da ocupação no Rio Grande do Sul começou muito antes da chegada dos portugueses àquele local, sendo que os primeiros povos a ocuparem as terras, não diferente das demais regiões do Brasil, foram indígenas de diversas etnias. Moure (1994) explica que existiam muitas subdivisões dentro destes grupos e, a título de melhor compreensão histórica, os estudiosos do extremo sul do Brasil organizaram essas etnias em apenas três grandes grupos: Guaranis, Pampeanos e Jês, que se diferenciavam culturalmente de acordo com os ambientes em que estavam inseridos, adaptando-se às condições naturais do meio.

De acordo com Quevedo (2003, p.12-15) citado por Aqel (2011), “as tribos Guaranis eram definidas como guerreiras e habitavam regiões próximas aos rios, uma vez que sua organização era baseada na caça, pesca e agricultura com cultivo de milho, feijão, abóbora, erva-mate e mandioca”. Os Jês originalmente espalhavam-se por todos os territórios, pois eram coletores nômades, caçadores, confeccionavam cestas de fibras vegetais para carregar os produtos recolhidos e tinham sempre consigo enormes tacapes que utilizavam como defesa e instrumento de caça e coleta. (IDEM). Por fim, os Pampeanos eram os habitantes dos pampas (regiões de planície), pescavam crustáceos e caçavam utilizando-se da boleadeira², tornaram-se excelentes cavaleiros e aprisionadores de gado (OLIVEIRA, 2002).

Neumann (2004) amplia esta discussão destacando que os primeiros a fazerem contato com esses povos indígenas foram os padres Jesuítas, por meio das chamadas “Missões Jesuíticas”, por volta de 1626, e tinham como objetivo catequizar os índios para que adotassem a fé cristã, buscando, utopicamente, ensinando-lhes os costumes e as crenças europeias, integrá-los pacificamente ao processo de colonização. Dessa forma, os religiosos organizaram-se em diversos povoados, que ficaram conhecidos por “missões” ou “reduções jesuíticas”, construídas de maneira simples por intermédio do uso de madeira em construções de pau-a-pique, mas consideradas como um marco de transição da sociedade tribal para a sociedade moderna. Os padres ensinavam aos índios, que eram em sua maioria da etnia guarani, o catecismo, técnicas de cultivo agrícola, conhecimentos de leitura, escrita e música.

Fica claro a partir do discurso utilizado por Aqel (2011) e Neumann (2004), que o território do Rio Grande do Sul mostrava-se extremamente inóspito aos colonizadores, sendo

desbravado primeiramente pelos nativos indígenas e por alguns poucos homens de coragem que ousavam enfrentá-los e às intempéries locais. Tais características justificam o pouco interesse inicial da coroa e a demora em colonizar a região, diferentemente de outros estados, cujas características naturais acessíveis mostravam-se mais vantajosas.

Nessa abordagem, Cunha (2012, p. 16) citado por Martins (2013) afirma que:

O povo indígena desempenhou papel fundamental no processo de ocupação econômica e populacional, atuando como agentes históricos no processo de colonização, seja pela resistência, fuga ou morte, estavam presentes no contexto, embora muitas vezes ignorado pelos relatos épicos locais.

Todo este processo de contato e ocupação, conforme Gomes, (2010), não foi pacífico e tampouco fácil. As práticas educacionais dos religiosos conflitavam com os interesses dos portugueses, que se constituía na escravização dos indígenas devido à escassez de mão de obra na região sudeste. Esses índios encontrados nas reduções despertavam os interesses dos paulistas, pois eram obedientes e estavam acostumados ao trabalho.

Diferente das demais áreas do Brasil, a região sul não foi imediatamente incorporada ao processo de colonização portuguesa, mas sim vista, conforme citado por Gomes (2010), como um local fornecedor de mão de obra escrava. Assim, em 1641 os jesuítas viram-se forçados a deixar a região, levando consigo os índios catequizados e deixando uma parte do gado que tinham criado. Este gado sem dono torna-se selvagem e arisco, reproduzindo-se à solta e formando um imenso rebanho, ocupando e delimitando um espaço que ficou conhecido como “Vacarias Del Mar”.

Gomes (2010) reforça ainda que a prática da caça desse gado e o aproveitamento do couro tornaram-se comum na região, passando a integrar o cotidiano da população local, o que logo despertou o interesse da coroa portuguesa, fundando a Colônia de Sacramento em 1680, visando a caça predatória desse gado para exportação de couro ao mercado europeu.

É possível perceber a divergência de pensamento entre os diferentes atores neste processo inicial de colonização. De um lado, os europeus, interessados na exploração do gado, na conquista territorial e na mão de obra constituída pelos indígenas. Por outro lado, os religiosos com suas missões voltadas para a catequização e civilização do povo indígena, com o intuito de evangelizá-los e dar a eles uma vida organizada aos moldes europeus, negligenciando a cultura dos mesmos. Identifica-se, portanto, que o atual estado do Rio Grande do Sul, que inicialmente

² Boleadeira – Aparelho utilizado pelos gaúchos para capturar animais, ou como arma de guerra. Constituído por

não foi mais que um território de disputa entre duas grandes nações, Portugal e Espanha, mais por sua posição geográfica do que por suas riquezas verdadeiras, foi explorada e ocupada de forma gradativa.

Somente a partir de 1682, os jesuítas vão retornar ao território, conforme as ponderações de Luvizoto (2009), fortalecidos pelo grande número de índios agora convertidos ao cristianismo e se instalam a noroeste do estado do Rio Grande do Sul, fundando os Sete Povos das Missões³ em 1687. As principais ações dos jesuítas, de acordo com este autor, se voltam para a retomada das bases econômicas, assentadas na criação de gado para alimentação da população e extração do couro, como também a agricultura de subsistência e o plantio da erva mate, inicialmente utilizada somente pelos indígenas, mas posteriormente também utilizada pelos padres.

A efetivação desta ocupação é reforçada por Pacheco (2014), quando menciona que o povoamento real da região sul do Brasil só vai acontecer a partir de 1715, quando já se havia constatado a existência de regiões de planície, com terras férteis, rios de peixes abundantes e madeira em diversidade de espécies. É importante salientar segundo este autor, a figura do sargento-mor Francisco de Souza Faria, como o responsável pela abertura dos caminhos, rompendo matas fechadas, a partir de 11 de fevereiro de 1728, atingindo os Campos de Vacaria do Rio Grande em março de 1729, o que permitiu a ligação entre a região sul e São Paulo.

Por disputas políticas, as missões passaram a ser administradas pelos portugueses, o que acabou por desmantelá-las, no entanto, salienta Luvizotto (2009), os grandes rebanhos de bovinos e cavalos criados nas pradarias gaúchas permaneceram no local, o que sem dúvida nenhuma veio influenciar a história dessa região. Reforça esta importante informação ao trazer o pensamento de Azevedo (1958) que enfatiza o papel decisivo das missões jesuíticas, assim como, a formação das estâncias de lagunenses e vicentinos como responsáveis pela introdução da pecuária no Rio Grande do Sul e conseqüentemente com o abandono das atividades predatórias, feitas pelos primeiros gaúchos responsáveis por abaterem de forma indiscriminada os animais, com o objetivo maior da extração do couro e venda à contrabandistas.

É imprescindível destacar, neste contexto, a presença da população indígena na região sul do país, bem como a participação dos religiosos jesuítas no trabalho de contato e organização

três bolas de pedra ou marfim, presas na ponta de uma corda de couro. (OLIVEIRA, 2002)

³ Sete Povos das Missões: Sete Reduções foram fundadas na região missioneira no final do século XVII e início do século XVIII: São Miguel, São Nicolau, Santo Ângelo, São Lourenço, São João Batista, São Luiz Gonzaga e São Francisco de Borja. (<http://portal.iphan.gov.br>)

desses grupos indígenas, sendo ambos de fundamental importância para o desenvolvimento da região.

Outro marco importante da tomada deste território, segundo as ponderações de Cunha (2012), em relação ao contato do branco com o índio se refere ao tempo da instalação da agricultura por meio da chamada “Frente Açoriana”⁴ de colonização, por volta de 1751, constituindo a primeira classe camponesa do Rio Grande do Sul.

De acordo com Lima (2004, p. 170), os açorianos foram grandes influenciadores do modo de vida dos gaúchos. Foram eles os difusores da formação familiar nas colônias, diferentes dos colonizadores portugueses que vinham solteiros para essas terras, em busca de riquezas para posteriormente voltarem à sua terra natal e se casarem. Os açorianos permanecem e formam seus núcleos familiares baseados no trabalho e na transferência do conhecimento para suas futuras gerações.

No entanto, um dos pontos problemáticos deste período de ocupação reside no fato de que, na medida em que as lavouras aumentavam, o contato com os territórios dominados pelos indígenas, principalmente a etnia dos índios Xoklengs também aumentava, tornando cada vez mais constantes e violentos os conflitos entre brancos e índios.

Os Xoklengs não mais se encontravam isolados porque não tinham mais como se manter indiferentes ao mundo que se criava ao seu redor e à sua revelia. Não estavam tão distantes do mundo colonial, e as ‘correrias’ que praticavam eram um exemplo de que [...] podiam entrar e sair dele”. Seu modo de vida havia se alterado de forma incancelável, especialmente pelo aparecimento de novas necessidades criadas pelo contato, tal como cachorros, tecidos e, principalmente o ferro. (CUNHA, 2012, p. 215).

Sobre este assunto, Wittmann (2007, p. 108), reforça o fato ao descrever este capítulo da história como sendo um “(Des) encontro de dois mundos”, visto que as terras doadas pelo governo, tidas como desocupadas, eram na verdade território dos índios Xokleng, o que acabou por irromper um ciclo de violência de ambas as partes.

A partir de então, os índios passam a serem vistos como perigosos e um empecilho ao crescimento social, uma vez que investem contra os colonos, com o objetivo de adquirir objetos dos brancos, o que leva o estado a investir na perseguição aos “selvagens”, surgindo assim, os chamados “Bugreiros”, caçadores de índios. Os ataques aos índios tornam-se mais acirrados a

⁴ Frente Açoriana: Incentivo dado pela coroa portuguesa no Brasil, promovendo a migração de casais açorianos para o país, com o objetivo de povoar e defender as regiões fronteiriças do sul. (RODRIGUES, 2008, et Al)

partir de 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil. “A Carta Régia de 05 de novembro de 1808, ordena imediata guerra aos “bugres”, definidos por D. João VI como “infestadores de meu território. ” (CUNHA, 2012, p. 217)

O estudo das referências permite afirmar que inúmeras atrocidades foram cometidas com a população indígena durante a ocupação do Brasil pelos europeus, a começar pela negação de sua cultura e crenças e a imposição de uma nova cultura. Também lhes são negados os direitos territoriais, bem como ignorados os sentimentos de pertencimento destes povos junto aos locais em que viviam. Como descrito anteriormente, este povo foi visto como um empecilho para o desenvolvimento social e tratados como animais, a partir do que sua caça se torna uma prática comum, um extermínio em nome do progresso.

2.2 A presença de imigrantes europeus na região sul do Brasil

A partir do século XIX, de acordo com Bandeira (1995), o governo brasileiro começa a incentivar também a vinda de imigrantes europeus para o país, com intuito de povoar a região, garantindo-lhes uma propriedade de pequeno porte, mas não seu sustento. Como os primeiros imigrantes eram, em sua maioria, camponeses alemães, estes encontraram na região sul toda a base necessária para trabalhar, desenvolvendo uma economia baseada na agropecuária, sendo a presença do gado um atrativo a mais para aqueles que se aventuravam em terras brasileiras.

A partir deste primeiro núcleo de imigração alemã, que ficou conhecido como Colônia de São Leopoldo, outras colônias semelhantes começaram a se formar à sua volta, estabelecendo-se um fluxo imigratório constante para a região. (LUVIZOTTO, 2009)

É importante salientar, no entanto, o pensamento de Medina (1997) relacionado à utilização da mão de obra negra, mesmo após o fim da escravidão em 1888. Este fato ocorreu em razão de que grande parte dos empregados era considerada “cria da casa” e conseqüentemente, adotavam os costumes alemães dos patrões, reforçando então a ideia de que identidade não é apenas uma questão de pele nem de nascimento, mas também de sociabilidade ou de imposição.

A iminência do fim da escravidão, por volta de 1875, aliada à necessidade de ocupar os territórios ainda vazios para que não fossem tomados pelos espanhóis, fez com que o governo brasileiro precisasse buscar novas alternativas de mão de obra.

Neste mesmo período, a região da Itália passava por grandes dificuldades econômicas e sociais frente ao processo de unificação de seu território, como enfatiza Hutter (1987). Devido ao alto índice populacional, o país sofria com o excesso de mão de obra e a escassez de terras cultiváveis, o que tornava o “Novo Continente” extremamente atrativo para essa população e também para o governo, que chegou a gerar campanhas de incentivo a imigração, enxergando neste processo uma solução para seus problemas. O fator impulsionador do processo imigratório foi a obrigatoriedade do serviço militar para os jovens, o que levou também muitos a enxergarem o Brasil como uma chance de não irem para a guerra. (HUTTER, 1987).

Dessa forma, começam a chegar os primeiros italianos no país por volta de 1870, concentrando-se na serra gaúcha, uma vez que os demais territórios já estavam ocupados pelos alemães. Coube então a essa gente, definida por Colbari (1997) como sendo pessoas enraizadas na família, no trabalho, no respeito à propriedade e à religiosidade, a missão de ocupar esta região. Porém, tornou-se difícil povoar a região montanhosa, coberta por matas fechadas de araucárias, bem diferente do que estavam acostumados em sua terra natal.

No processo de colonização do Brasil, terra de proporções gigantescas, os diferentes grupos culturais foram fundamentais para a ocupação territorial. Sobre este enfoque, Grzybovski (2013) assinala que portugueses, açorianos, alemães, italianos, espanhóis, indígenas e as demais etnias, aportaram nessas terras e todos fizeram parte do processo de construção – não somente da região sul – mas de todo Brasil, cada qual tendo colaborado com seus conhecimentos, nas mais diversas áreas sociais, atrelados todos às suas particularidades culturais.

Enfrentando as mais diversas situações, como a precariedade das condições de vida nos centros urbanos e a inexistência de estruturas no campo (ainda a ser desbravado), esses imigrantes são expostos aos conflitos de interesses políticos e econômicos, até mesmo o abandono dos governantes e a exploração abusiva da mão de obra. É neste cenário que a união aparece como um importante elemento de fortalecimento social na tentativa de superação das dificuldades encontradas. Esses mecanismos, sustentados pela nostalgia e saudade de suas terras natais, explicam um conjunto de valores comuns a essa sociedade, organizada em torno da família e do trabalho, mas cujo sentimento de solidariedade, enraizado pela história, torna esse povo extremamente acolhedor. (GRZYBOVSKI, 2013)

É possível concluir, a partir das explicações históricas apresentadas, a inegável contribuição dos diferentes grupos imigrantes, para o desenvolvimento da região sul do país,

em especial o estado do Rio Grande do Sul, território inicial de batalhas e conquistas, no qual a presença destes povos mostrou-se extremamente valiosa nos mais diferentes aspectos. Seja pela vontade de se inserir no novo continente, ou simplesmente pelas dificuldades de retorno, esses homens e mulheres foram desbravadores que lutaram arduamente em prol de um recomeço em terras hostis, buscando manter-se fiel às suas origens por meio das suas raízes culturais.

2.3 O gaúcho: origem e significado

Retomando o contexto histórico anterior, é preciso abordar particularidades socioculturais, para somente então prosseguir com as discussões. Primeiramente, é fundamental compreender a origem do termo “Gaúcho”, posteriormente o surgimento deste personagem histórico proveniente do período colonial e, somente então, a origem da identificação como um tipo social ideal sulista, cujas características particulares (vestimentas, costumes, linguagem) tornaram-se comuns na região em estudo.

A origem da palavra “gaúcho”, segundo Petri (2008), apresenta divergências em seu significado, controvérsias que residem no fato de que há inúmeras possibilidades de se delimitarem as origens etimológicas do termo “gaúcho”, tal como se conhece atualmente. Ainda segundo este autor, a origem da significação possui uma relação histórica entre o habitante dos pampas e o processo de colonização, no entanto, o verbete em si, possui uma origem diversificada para ser atribuído ao nativo de um único grupo social, sendo possível encontrar equivalências em diversos idiomas.

Amplia esta conceituação Aqel (2011), para o qual uma das possibilidades mais prováveis é a de que o termo seria proveniente do idioma guarani, tendo como significado “homem que canta triste”, apresenta ainda esta discussão sobre as diferentes significações ao ponderar que:

Antes, porém, quando toda a atividade se resumia à extração do couro do gado selvagem, os habitantes dos Pampas eram designados como “guasas”, palavra que significa “tira de couro cru”, mais tarde, por volta de 1770, apareceu o termo “gaudério”, aplicado aos aventureiros paulistas que abandonavam as tropas regulares para tornarem-se coureadores e ladrões de gado. (AQEL, 2011, p. 54).

Bencke *et al.* (2016) explicam que vários historiadores, autores e poetas procuraram resgatar as denominações e, entre eles Braun, que descreveu o termo gaúcho derivado da

palavra quíchua “huachú”; talvez do “cachú” ou “cauchú” do linguajar araucano; não existe registro do ano do seu aparecimento, nasceu como nasce o vento do próprio solo pampiano.

Compreende-se que sua etimologia não é definida com exatidão, embora as diferentes explicações estejam todas dentro de um mesmo contexto, que envolve a mistura dos diferentes povos e as interpretações que foram acontecendo ao longo dos tempos. Branco (2014) enfatiza que apesar dos mistérios que envolvem a origem da palavra, o mais importante é conservar a imagem do sujeito e mesmo os diferentes sentidos próprios dos regionalismos.

O estudo do gaúcho enquanto personagem histórico é enfatizado por Darcy Ribeiro (1995) ao referir-se a este povo como uma mistura étnica das populações que ocupavam o território brasileiro, brancos negros e índios guaranis.

Evidencia ainda, Ribeiro (1995), que os gaúchos, desde sua formação, não se enquadravam como parte de uma massa cultural, pois não se identificavam como espanhóis nem como portugueses, tampouco consideravam-se indígenas. Constituíram, na verdade, uma nova etnia, formada essencialmente por segregados socialmente (índios sem tribos, mestiços e brancos pobres), que também tinham em comum o domínio das atividades do campo.

Desta forma, é possível afirmar que seus costumes se tornam, aos poucos, costumes em comum, fruto da mistura dos conhecimentos e da relação de proximidade que estabelecem no cotidiano, passando a compartilhar sabedorias culturais, como o chimarrão, por exemplo, um dos símbolos mais representativos do povo gaúcho.

Na mesma linha de raciocínio, Fonseca (1998), assinala que em épocas passadas, quando ainda no período de colonização, os índios Charruas e Minuanos misturaram-se com espanhóis e formaram bandos de ladrões e assaltantes de fazendas. O tipo social teria como origem o cruzamento do homem europeu com a mulher indígena, geralmente da etnia guarani, por meio do contato estabelecido entre ambos a partir da Colônia do Santíssimo Sacramento.

Em um estudo mais atual, Calvi (2015) explica que os gaúchos, ou gaudérios, como eram chamados inicialmente, são provenientes de diferentes situações dentro de um mesmo contexto: mestiços, filhos de colonizadores portugueses ou espanhóis com as índias (de diferentes etnias), como também indígenas que fugiam das missões, já tendo sofrido transformações e adquirido novos hábitos e conhecimentos pelo contato com a cultura branca.

Por fim, é perfeitamente aceitável a ideia de que o personagem histórico surge a partir do emprego do termo em questão para designar pessoas de características semelhantes ao seu significado. Independentemente de sua verdadeira origem, ou mesmo das misturas de raças que

ocorreram para o seu surgimento, o consenso mostra que os denominados “gaúchos” eram pessoas de espírito livre, que vagavam pelos campos, desconhecendo ou ignorando as leis e regras impostas pela coroa, vivendo a seu modo.

Os diversos conflitos territoriais ocorridos no sul do país foram fundamentais para o processo de apropriação das características desse personagem, tido como tipo social e ícone da cultura sul-rio-grandense, que nem sempre foi visto de forma orgulhosa como nos dias atuais nas respectivas comunidades. Esses homens destemidos e guerreiros foram diversas vezes aproveitados nas guerras, seja por sua coragem ou pelo fato de que eram excelentes cavaleiros, sua adaptabilidade à vida campeira e sua postura fiel como soldados, como explica Fonseca (1998, p. 09):

No período de 1680 a 1893 o gaúcho participou de todas as lutas internas e externas. Serviu à Pátria, como guerreiro e não como militar. Perante a Pátria, ele não teve direitos, teve deveres. Sem nada receber pelos serviços prestados, deixou como herança o caráter e a mentalidade.

Ainda segundo o autor acima citado, este tipo gaúcho primitivo, de hábitos rudes e pouco social, original de um passado estritamente rural, desaparece com a diluição e reorganização das estâncias, a evolução social e as guerras, deixando, porém, alguns hábitos que foram assimilados culturalmente.

O termo “gaúcho” foi, portanto, ressemantizado, pois segundo Oliven (2006), citado por Muller, (2011, p. 40), “o sujeito social, considerado desviante e marginal, também foi “reelaborado”, adquirindo um novo significado, agora positivo, sendo transformado em símbolo da identidade regional. ” A estes “novos gaúchos” são atribuídos valores como coragem, honestidade, valentia, lealdade, que permanecem por décadas até tornarem-se elementos simbólicos identitários dos nascidos no Rio Grande do Sul. (GOMES, 2010)

É neste contexto que se desenvolve o gaúcho rio-grandense, como mencionado anteriormente um “tipo social ideal sulista”, cujas características são heranças culturais históricas. Com o passar do tempo, o termo antes utilizado pejorativamente passa a ter uma nova conotação, designando os trabalhadores do campo e não mais os errantes.

3. O GAÚCHO EM SUAS INTERFACES IDENTITÁRIAS

“Nós temos que reconhecer que antes da fundação dos Centros de Tradição quase nada existia. Foi uma tremenda abertura para revitalizar a cultura popular. No fundo, nem todos estão preocupados com isso. O problema começa com a deficiência da nossa cultura nacional.” (Paixão Cortez)

Em busca de uma melhor compreensão do processo de formação da cultura gaúcha, coube a este trabalho relacionar de forma interdisciplinar os olhares de diversos autores sobre cultura, identidade, memória e tradição, buscando compreender como essas áreas se complementam no processo de formação identitária do povo do Rio Grande do Sul, por meio da construção de significados envolvendo os diferentes ramos das ciências sociais.

Para se entender de forma adequada a temática proposta, torna-se necessário apresentar, de forma geral, os marcos conceituais que formam as interfaces do povo gaúcho, bem como, as condicionantes históricas e sociais que levaram ao surgimento da figura característica dessa população e os meios de perpetuação das tradições na contemporaneidade, tendo os Centros de Tradições Gaúchas (CTG's) como seu maior expoente.

Serão abordados a seguir, os conceitos de cultura, identidade, memória e tradição, buscando compreender a forma como os mesmos relacionam-se e contribuem para a construção do discurso identitário gaúcho.

3.1 Cultura e identidade

Toda sociedade é formada por um perfil dominante, que se desenvolve historicamente a partir de um sistema de ideias de representação coletiva, chamado de imaginário social, por meio do qual são atribuídos significados às práticas sociais (PESAVENTO, 1993). Essas práticas são traduzidas por meio das atitudes sociais, como crenças, valores, costumes diários e manifestações artísticas, também denominadas cultura.

Embasado por importantes teóricos como Edward Tylor, John Locke, Jacques Turgot, Jean Jacques Rousseau, Claude Lévi-Strauss, Clifford Geertz, entre outros, Laraia (2011) defende que a discussão sobre o que é cultura não é finita, pois “uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana”. Argumenta ainda que o estudo da cultura deve ser dividido em duas partes, a primeira volta-se para o conceito da

mesma e, a segunda parte, para a compreensão de como tais conceitos, são capazes de influenciar o comportamento social e, conseqüentemente, diversificá-los.

Historicamente, o autor acima citado apresenta as diferentes teorias desenvolvidas ao longo dos séculos, mostrando que os estudos acerca da cultura datam de antes de Cristo, citando por exemplo, que Confúcio, ainda no século II a.C, já havia enunciado que “a natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados”.

Neste contexto, a palavra cultura, cuja origem nasce do conceito de “lavoura” ou “cultivo”, mostra-se extremamente abrangente, sendo considerada uma das três palavras mais complexas do mundo. “A cultura é definida em termos de formas de comportamento, e o conteúdo da cultura é feito dessas formas, das quais existe um número incontável”. (SAPIER, 1994, citado por EAGLETON, 2011, p. 52),

De forma cronológica, pode-se apontar Tylor (1871), como o primeiro a definir o conceito de cultura ao afirmar que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". (LARAIA, 2001, p. 14)

Esta definição de Tylor nasceu a partir dos estudos de John Locke (1690), que considerava o homem como sendo nada mais que uma “caixa vazia” ao nascer, dotado de uma ilimitada capacidade de aprendizado, formalizando assim, uma necessidade acerca do entendimento humano que era latente na sociedade da época,

Posteriormente, ambas as teorias são aceitas e aprimoradas por Jaques Turgot por volta do ano 1727, mais de meio século depois, ao defender que “o homem é capaz de assegurar a retenção de suas ideias eruditas, comunica-las para outros homens e transmiti-las para os seus descendentes como uma herança sempre crescente”.

Em uma análise convergente, Rousseau (1775) citado por Laraia (2001), reafirma as teorias anteriores e acrescenta como sendo atribuição da educação o processo de acultramento, lhe conferindo a responsabilidade de dar seqüência à mesma.

Já na contemporaneidade, Claude Lévi-Strauss (1950), o mais destacado antropólogo francês, discute cultura de outro ponto de vista, não sendo mais o foco a sua conceituação, mas sim a sua origem, para somente então ser possível compreendê-la. Para o autor, o conceito de cultura está vinculado à organização da sociedade, tendo surgido no momento em que o ser

humano cria sua primeira norma social, estipulando deveres e direitos para aqueles que desejassem viver entre grupos.

Por fim, no entendimento de Clifford Geertz (1966), o homem não somente é produtor da cultura, como também produto da mesma, tendo a cultura se desenvolvido simultaneamente ao desenvolvimento do homem.

Dessa forma, pode-se compreender que as diferentes concepções de cultura convergem como sendo um conjunto de expressões que caracterizarão uma determinada sociedade, podendo sofrer transformações, adaptações e evoluções, englobando arte, valores sociais, tradições, crenças e tudo o mais que estiver relacionado ao modo de viver de um povo, dentro de sua lógica própria.

Assevera-se também, assinalar que as identidades sociais e culturais não sejam interpretadas como sinônimos, visto que ambas possuem concepções diferenciadas, assemelhando-se apenas, pelo fato de não terem um significado objetivo e unânime.

Segundo Castells, (1999), a identidade é entendida como um processo de significações pessoais com base em uma relação cultural. Podem também ser formadas a partir de internalizações quando há uma predominância de valores institucionais dominantes, ou seja, a construção da identidade que provém “da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. (CASTELLS, 1999, p. 23). Assim sendo, as informações são processadas pelos indivíduos e reorganizadas em função das tendências sociais e culturais.

Na concepção de Cuche (1999) citado por Santos, (2010, p. 38) a identidade é um fator de distinção entre grupos, resultado da relação social através do estabelecimento de vínculos. Já cultura apresenta-se como um processo inconsciente, podendo existir “[...] sem consciência da identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura”.

Nesse diapasão, o autor ainda menciona que, embora o termo identidade tenha se popularizado somente por volta da segunda metade do século XX, incentivado pelo contexto social mundial a partir do crescimento das sociedades organizadas política e economicamente, as raízes do conceito de identidade encontram-se ainda no século XVII, na era do Iluminismo. Foi um período de intensa busca do homem em se autoconhecer, passando a valorizar-se como

indivíduo e buscando desenvolver-se nas suas qualidades e características pessoais e sociais, centrado na razão e na consciência.

Na vida humana, a sociedade - mais que o indivíduo - constitui a principal força na luta pela existência. Mas, para que o grupo social funcione como unidade, é necessário que os indivíduos que o compõem possuam modos de agir e de pensar coletivamente. Isto é conseguido através da "herança social" ou da "cultura". Graças à cultura comum, os membros de uma sociedade possuem a unidade psicológica que lhes permite viverem em conjunto, com um mínimo de confusão. A cultura, assim, tem por finalidade adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural, mas também ao seu lugar na sociedade. Toda a cultura inclui uma série de técnicas que ensinam ao indivíduo, desde a infância, a maneira como comportar-se na vida grupal. E graças à Tradição, essa cultura se transmite de uma geração a outra, capacitando sempre os novos indivíduos a uma pronta integração na vida em sociedade. (LESSA, 2000)

Ao se relacionar a identidade social gaúcha com o contexto teórico apresentado, percebe-se claramente a relação entre a identidade e a questão histórica, a partir de uma sintetização de diversos elementos das diferentes culturas participantes do processo de colonização, havendo uma apropriação a partir de uma resignificação de seus elementos culturais, visto que a identidade gaúcha atual não corresponde ao seu significado originário, pelo contrário, é uma reinvenção de algo que possuía um sentido pejorativo, ou seja, do gaúcho errante, sendo transformado em um novo conceito e passando a ser aceito pela sociedade de modo geral, inclusive as camadas mais elitizadas.

Convergindo para um conceito de cultura, no pensamento de Esconsteguy (2010, p. 143), enfatiza-se a importância de se discutir cultura voltada a uma abordagem crítica e interdisciplinar tendo como ponto de partida “a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o conceito histórico” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 143)

Nesse sentido, é importante relacionar o pensamento de Hall (2006), ao afirmar que a cultura nacional é responsável, não só pela produção de sentidos como também pela construção de discursos os quais os sujeitos se identificam. Neste contexto, há uma referência direta ao povo gaúcho.

Ainda, segundo Hall (2006, p. 50-51), o entendimento das identidades pode ser visto como um discurso que visa à construção de sentidos “contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas”.

Infere-se dizer que a identidade do gaúcho é composta do discurso do povo sulino, que se difere dos outros com características de gênero. Assim, o povo gaúcho busca diferenciar-se dos outros estados, tentando mostrar uma unificação de sentido de seus discursos com períodos simples, como: “O gaúcho é...”, “O homem gaúcho gosta...”, “A mulher gaúcha é...”. Tais afirmações levam a um padrão de repetições que se tornou marca registrada dos gaúchos, por meio de bordões que identificam as referências culturais e seu povo, reafirmando-os e fortalecendo-os socialmente a partir de um discurso comum.

3.2 Memória e tradição

O gaúcho se apresenta como um tipo local ainda no século XVIII, superando a mistura de raças que compõe sua história e apontando para as necessidades econômicas e sociais da época, que se voltava para a lida no campo e, conseqüentemente, exigiam do trabalhador características como força, coragem, braveza, conhecimento das técnicas de cultivo, criação e sobrevivência rural.

Aos poucos, essa forma de se definir o gaúcho é internalizada pela população, misturando as memórias individuais e coletivas, ou “vividias por tabela”, como explica Pollak (1992). Segundo este autor, a memória é o elemento capaz de dar continuidade e coerência a um grupo, criando o sentimento de pertença das pessoas em relação ao contexto, perpetuando a memória por meio da tradição.

[...] a construção imaginária da sociedade se baseia no real e no racional, mas não guarda com estes uma relação de necessária correspondência. Ou seja, as representações sobre o real não são obrigatoriamente o reflexo do real. Elas devem isto sim, ser críveis, desejadas e aceitas, mas não precisam ser a cópia da realidade. (CASTORIADIS, 1982, p. 68).

Segundo Feijó (1984, p. 12) citado por Aqel (2011) é comum entre povos primitivos a presença de figuras mitológicas, cujas características são destacadas por sua valentia acima da média, considerados heróis dentro dos grupos culturais. Tal referência, ainda segundo o autor, seria uma herança dos povos gregos, que conseguiram perpetuar suas crenças sem vínculos religiosos, sem tampouco serem modificados pela história, mas sim se perpetuaram por meio da coletividade.

Por outro lado, a figura do gaúcho errante transforma-se em um personagem não só aceito socialmente, como também copiado, sendo possível perceber uma busca por parte dos locais

em valorizar a relevância histórica de seus feitos, impondo-se culturalmente de tal modo que, defender a imagem do gaúcho, tornou-se um lema para o Rio Grande do Sul. (GOULART, 1978).

Verifica-se, desta forma, que o gaúcho se constrói por meio de junções de memórias, organizadas em um discurso de heroísmo e bravura, digno de ser lembrado e repetido., de forma a perpetuar-se culturalmente.

Demonstra Gomes (2010, p. 12) que o Rio Grande do Sul é um dos estados brasileiros cuja valorização da cultura local sobrepõe-se à cultura nacional de maneira mais evidente, “dando grande importância em diferenciar os gaúchos dos demais brasileiros, ao mesmo tempo, que também utiliza o pertencimento ao país para se distinguir do perfil gaúcho dos países vizinhos”.

A partir da segunda metade do século XIX, as transformações sociais decorrentes do desenvolvimento das cidades e crescimento da economia, modificaram também a vida no campo, impactando diretamente sobre os trabalhadores. Por volta de 1870, o estado do Rio Grande do Sul recebe a implantação de frigoríficos estrangeiros, industrializando o processo de criação do gado e conseqüentemente, modernizando suas técnicas, o que acaba por eliminar considerável número de atividades servis, expulsando do campo grandes quantidades de famílias que viviam como trabalhadores nas fazendas. (FREITAS E SILVEIRA, 2004)

Tais fatores, sociais e econômicos, foram fundamentais na contribuição da extinção nas estâncias, da figura deste gaúcho original. Seus conhecimentos não se mostravam mais necessários, tornam-se obsoletos e aos poucos foram sendo substituídos por máquinas, cuja capacidade de produção mostrava-se incontestavelmente maior.

Observou-se então, neste período, uma grande necessidade por parte da população em questão, de retomar os costumes tradicionais e as memórias dos heróis antepassados e suas lutas pela demarcação e manutenção das fronteiras, identificando o renascimento da figura do gaúcho como um instrumento ideológico. Por meio da memória coletiva, buscou-se a manutenção da cultura gaúcha em território brasileiro, de forma a valorizar a figura do peão, que se encontrava em declínio. (GONZAGA, 1996, citado por FREITAS E SILVEIRA, 2004).

Lima (2004, p. 112) defende que a visão do gaúcho de si próprio e da sua cultura, mostrou-se extremamente orgulhosa e positivista, o que permitiu à mesma sobrepor-se aos costumes dos demais grupos sociais, ultrapassando a questão da perpetuação dos elementos culturais e tornando-se uma questão de cidadania e patriotismo. “Para nós, rio-grandenses, a

visão conceitual de cidadania e tradicionalismo é relevante. Somos uma sociedade consolidada na consciência desta comunhão de valores” (LIMA, 2004, p. 143)

A reconstrução dos fatos históricos do passado do Rio Grande do Sul e do povo gaúcho foi baseada não somente nas tradições vividas, como também nas “tradições inventadas”, que consistem em formas de suprir as lacunas existentes na história com vivências pessoais. (GOMES, 2010). Ainda segundo a autora, não havia registros de informações suficientes quanto às práticas que se desejava valorizar, uma vez que os dados não eram catalogados, muito havia se perdido no tempo ou se transformado por influência da modernidade.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN, 1984, p 10)

Para Pieper (2007), citado por Cormier (2010, p. 58) “a tradição é, precisamente, aquilo que não envelhece que é eternamente novo, pois tem a originalidade da fonte, o frescor de um eterno começo. A tradição, para ele, é conhecimento sempre novo e atual, imperecível porque sempre atualizável”.

Dentre as diferentes formas de “ser gaúcho”, há uma predominância no imaginário coletivo da figura romântica associada ao personagem, por diversas vezes retratada na literatura regionalista, iniciando-se por meio do Cancioneiro⁵, desde o século XIX, posteriormente com as publicações de Simões Lopes Neto, por volta de 1920, perpetuando-se mais tarde no trabalho de outros literatos, em personagens que deram vida ao mito popular, como na obra “Martin Fierro”⁶, de José Hernandez. (PINHO, 2012)

O texto literário exemplifica esta discussão pois, na literatura produzida no Rio Grande do Sul, o foco semiótico voltou-se não só à escolha de fatos históricos, tendo por exemplo a guerra dos Farrapos, como também ao processo imigratório.

Nesse sentido, enfatiza Santos (2009, p. 2006) que há:

[...] a sacralização do modelo masculino, peão nos tempos de paz e soldado nos tempos de guerra. Entretanto, estas produções, normalmente partiram de um ponto de vista branco, urbano e culto que, ao seu modo, cedeu espaço ao peão, sem, contudo, ceder-lhe voz.

⁵ Coleção de poemas de apelo popular, voltadas para a representação do gaúcho enquanto figura local. Poesia ou coleção de canções. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/cancioneiro>> Acesso em 18/08/2018.

⁶ Personagem da obra literária de José Hernandez, de título homônimo, representante do gaúcho típico do imaginário local.

É também interessante focar que as mulheres na guerra, por sua vez, de acordo com Santos (2009), eram responsáveis pela manutenção do funcionamento das estâncias além da educação dos filhos e no processo de colonização “enfrentaram bugres, desmataram terras, construíram casas, mas poucos espaço literário lograram”. (SANTOS, 2009, p. 106)

Em 2000, a Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul desenvolveu uma pesquisa com a intenção de investigar a imagem que os gaúchos têm de si próprios. Para tanto, fez-se um levantamento das representações sociais relativas à terra, ao homem, aos costumes, a história, ao perfil socioeconômico, entre outros.

No aporte de Gomes (2010, p.53), os gaúchos:

Foram entrevistadas, ao todo, 1346 pessoas, sendo 677 homens e 669 mulheres. A partir dos dados obtidos, constatou-se que a Campanha gaúcha representa a paisagem típica do Estado. O homem, por sua vez, é representado pelo estereótipo do gaúcho – ilustrado com propriedade por Erico Verissimo na figura literária do Capitão Rodrigo, personagem já citado anteriormente –, e são por eles considerados “criativos, inteligentes, responsáveis, lutadores, confiáveis, hospitaleiros, informados e cultos”; ao passo que a mulher é representada por atributos como “jovens, bonitas, esbeltas”. Com relação à história, o episódio tomado pela grande maioria dos entrevistados como referencial identitário é a Revolução Farroupilha e seu líder, Bento Gonçalves. Em termos socioeconômicos, os gaúchos se consideram como uma sociedade onde predomina a atividade rural.

Posto isso, é possível assegurar que a figura desse vaqueiro primitivo se torna um mito e este se perpetua com a repetição de determinados padrões culturais, como as vestimentas, o linguajar, os costumes diários, na certeza de que mantendo viva a memória por meio do resgate dos costumes antigos, será assegurada a sobrevivência da tradição. É a garantia de que o passado de luta, bravura e conquistas desse povo não será esquecido, mas sim exaltado.

A memória se constrói coletivamente, a partir de diferentes histórias que enaltecem a cultura local e seu povo, bem como a repetição de padrões considerados positivos dentro da sociedade. Cria-se um personagem e incute-se ao mesmo um discurso que o justifica. O gaúcho precisa se tornar um mito para que seja respeitado e valorizado, para que saia da marginalidade que lhe foi atribuída inicialmente, tornando-se um modelo de herói próprio daquele grupo social.

A tradição, por sua vez, não é explicável, apenas justifica as atitudes com base na repetição de hábitos dos antepassados, destacando-se inclusive no discurso literário, como representante regional.

3.3 O movimento tradicionalista gaúcho

Primeiramente, é preciso saber diferenciar tradição de tradicionalismo. Segundo Antonio Augusto Fagundes, diretor técnico do Instituto de Tradição e Folclore do Rio Grande do Sul, tradição é um culto, algo inerente à história do próprio gaúcho, enquanto tradicionalismo é um movimento que busca institucionalizar a tradição, partindo da necessidade de manter viva a memória cultural do estado. (FERREIRA, 1995) A história do movimento tradicionalista inicia-se muito antes da criação do mesmo enquanto instituição, fato ocorrido em 1966. Ainda segundo Ferreira (1992, p.21), a fundação do “35 – Centro de Tradições Gaúchas”, em 1948 (cuja história será abordada detalhadamente mais adiante), é considerado historicamente o marco de maior importância em direção à criação do MTG - Movimento Tradicionalista Gaúcho, enquanto entidade.

Toda essa movimentação em prol do tradicionalismo no Rio Grande do Sul divide-se em duas fases distintas, sendo a primeira marcada pelo surgimento de entidades como a Sociedade Sul Riograndense (Rio de Janeiro, 1857), Sociedade Partenon Literário (Porto Alegre, 1868), La Sociedad Criolla (Montevideo, 1894), Grêmio Gaúcho (Porto Alegre, 1898). Em 1899 é fundada a União Gaúcha, ação voltada a uma proposta pedagógica do gauchismo, ou seja, seus integrantes tinham a intenção de inserir no processo de formação educacional os usos e costumes da região, por meio das práticas culturais, como danças por exemplo. Surge ainda o Centro Gaúcho (São Paulo, 1927), além de diversas outras instituições que buscam a perpetuação da cultura gaúcha. (CIRNE, 2017)

Ainda segundo este autor, essas instituições, que originalmente eram Clubes Sociais, engajaram-se inicialmente nos esforços pela valorização da cultura regional, buscando reviver os costumes típicos como forma de manutenção da mesma. No entanto, aos poucos voltam-se para as atividades comuns dos clubes, como bailes e eventos sociais, perdendo o entusiasmo inicial pelo tradicionalismo.

Na sequência, Cirne (2017) explica que a segunda fase do tradicionalismo gaúcho se inicia por volta de 1940, em uma reação ao estrangeirismo cada vez mais presente, proveniente principalmente da influência norte-americana, que se dissipava por meio do cinema, dos produtos industrializados e da cultura de massa, ameaçando a sobrevivência da cultura gaúcha e seu patrimônio histórico.

Pontua ainda o referido autor, que uma das principais ações neste sentido foi a fundação do Departamento de Tradições Gaúchas, vinculado ao Grêmio Estudantil do colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, no ano de 1947 que, organizado em torno da defesa da cultura, buscava o resgate dos costumes considerados tradicionais da região, como danças, músicas, vestimentas, hábitos sociais e linguajar, em detrimento ao processo de estrangeirismos.

Acrescenta também Cine (2017), que diversas ações de peso são realizadas por este grupo, como a criação do Grupo dos Oito⁷, que posteriormente dará origem a Ronda Gaúcha⁸ e ao nascimento da Chama Crioula⁹. Tinham como liderança João Carlos D'Ávila Paixão Cortes, Fernando Machado e Cyro Dutra, que se tornariam futuramente importantes representantes do tradicionalismo gaúcho no Brasil.

É possível verificar, a partir das pontuações de Cirne, a necessidade de manutenção do tradicionalismo por parte da sociedade gaúcha, representadas por grupos organizados que claramente manifestavam uma vontade coletiva, caso contrário, não teriam obtido sucesso em suas ações em prol da cultura gaúcha.

É importante, no entanto, retomar o contexto histórico e, nesse sentido, Ferreira (1992), pondera que as diversas atividades deste grupo culminam em 1948 com a fundação do “35” CTG – que foi considerado o primeiro Centro de Tradições Gaúchas a seguir um modelo organizado de desenvolvimento do tradicionalismo, tendo recebido este título em homenagem a data de 1835, início da Revolução Farroupilha.

Afiança ainda o autor que, a partir de então, inicia-se um grande movimento de criação de outros CTGs, em diferentes municípios do estado, alicerçados na certeza do fortalecimento de suas tradições a partir da união das forças de seu povo.

Para Lima (2004, p.58-59), a importância da criação do “35” CTG está justamente neste direcionamento do culto aos valores, o associativismo gratuito, o enaltecimento do nativismo e dos sentimentos compartilhados pela terra. Neste sentido, muito ainda haveria de ser feito para o fortalecimento da cultura gaúcha. Com o intuito de promover a melhor organização do movimento e sua difusão por meio dos CTGs, em 1952, na cidade de Pelotas, é realizada a primeira Assembleia Tradicionalista, com a presença de representantes de sete centros de

⁷ Grupo formado por estudantes do Colégio Estadual Júlio de Castilho, de Porto Alegre, organizados com a finalidade de promover a preservação das tradições gaúchas.

⁸ Evento organizado pelo grupo dos oito, voltado para a manutenção da cultura gaúcha, com danças, música, palestras e comidas típicas. Teve início em 1947.

⁹ Fogo simbólico que é aceso anualmente durante as comemorações da semana Farroupilha, representativo da história e tradição da sociedade gaúcha.

tradições gaúchas, cujo objetivo principal era viabilizar a organização de um grande congresso nacional tradicionalista, buscando organizar as entidades de forma que todas estivessem interligadas. (CIRNE, 2017)

Ainda segundo o autor, acontece então, em 1954, o primeiro Congresso Tradicionalista Gaúcho, em Santa Maria, RS, reunindo representantes dos 38 CTG's existentes na época. Neste momento, também é apresentada a Carta de Princípios e Estatuto do Gaúcho, um dos mais importantes documentos históricos, que fixava os objetivos e normatizava as manifestações tradicionalistas como sendo somente aquelas provenientes de instâncias filiadas ao movimento, tendo como norma fundadora a preservação do patrimônio sem alterações dos tempos, mostrando costumes oriundos do passado, de raízes essencialistas. Foi elaborada por Glaucus Saraiva, em 1961, tendo sido posteriormente a base para a criação da lei 9.9093, de 12/03/95, que instituiu o dia 20/09 como sendo "Dia do Gaúcho". (CIRNE, 2017)

Com o aumento do número de CTGs distribuídos pelas cidades gaúchas, tornou-se necessária a organização de um conselho coordenador, cuja principal atribuição era organizar as entidades em torno de um mesmo interesse, prezando para que esses grupos mantivessem seus trabalhos dentro de algumas normas comuns, aprovadas como representativa da cultura gaúcha. Embora alguns grupos tenham se manifestado contra a criação deste conselho, o mesmo se estabelece e ganha força, evoluindo para o que se tornaria o MTG/RS, Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul, fundado em 1966 e oficializado como instituição em 1967, em Porto Alegre, RS.

O MTG é uma sociedade civil sem fins lucrativos, de caráter cívico, cultural e associativo. Dedicar-se à preservação, resgate e desenvolvimento da cultura gaúcha, por entender que o tradicionalismo é um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica, conforme descreve simbolicamente o Brasão de Armas do MTG, com as sete folhas do broto, que nasce do tronco do passado. (BASTOS, 2016, p.42)

Esses grupos, organizados em CTGs e submissos ao MTG, estabelecem uma relação com o passado traduzida na seleção de alguns de seus elementos para serem vividos no presente, além das atividades ritualizadas em exaltação ao folclore e a história. Desta forma, consolida-se a imagem mítica do gaúcho sul-rio-grandense, associando-o mais à formação lusitana de influências indígenas e negando as influências platinas. (REVERBEL, 1986).

Lessa (2000), explica o movimento tradicionalista como sendo essencialmente de cunho popular, voltado para o bem coletivo da sociedade rio-grandense, tendo como questões

norteadoras de seus princípios a assistência ao homem do campo (no sentido de valorização de seu trabalho e manutenção da sua cultura) e a atenção especial às novas gerações, de modo que as mesmas sejam integradas à cultura comum o quanto antes.

O movimento tradicionalista rio-grandense - que vem se desenvolvendo desde 1947, com características especialíssimas - visa precisamente combater os dois reconhecidos fatores de desintegração social. O fundamento científico deste movimento encontra-se na seguinte afirmação sociológica: "Qualquer sociedade poderá evitar a dissolução enquanto for capaz de manter a integridade de seu núcleo cultural. Desajustamentos, nesse núcleo, produzem conflitos entre indivíduos que compõem a sociedade, pois esses vêm a preferir valores diferentes, resultando, então, a perda da unidade psicológica essencial ao funcionamento eficiente de qualquer sociedade". (LESSA, 2000, p. 45)

Segundo Lima (2004, p.23), o movimento tradicionalista gaúcho volta-se para a preservação de características que são originárias da sociedade gaúcha quando ainda em formação. Para o autor, a chegada de novos modismos, provenientes do processo de globalização ainda na primeira metade do século XX, criou-se uma confusão na identidade cultural local, que precisava ser combatida com a retomada das tradições históricas, vistas pela sociedade rio-grandense como parte indissociável de sua personalidade.

Oriundo do anseio e trabalho de muitos tradicionalistas, como Paixão Cortes e Barbosa Lessa, importantes nomes da bibliografia gaúcha, o MTG foi um dos mais importantes passos para o fortalecimento da identidade cultural do Rio Grande do Sul, tendo suas representações materiais e imateriais aglutinadas a partir do surgimento do mesmo, com o intuito enaltecer, disciplinar, orientar e perpetuar as tradições. (LUVIZOTTO, 2009)

De maneira similar, Bastos (2016, p.13) defende que movimento tradicionalista se inicia justamente por uma necessidade de autoafirmação, pelo amor à terra e sua relação com o modo de vida nas estâncias, a agricultura e pecuária. A chegada da modernidade, o crescimento dos grandes centros e o processo de industrialização foram os principais vetores da transformação social, visto que os trajes típicos dos campos, o uso do cavalo e os demais elementos da lida diária rural, tornaram-se desnecessários, caindo em desuso, ocasionando uma percepção de enfraquecimento dos costumes típicos, que identificam o povo gaúcho.

Dados do MTG – Porto Alegre 2017, afirmam que há 2 milhões de pessoas vinculadas ao tradicionalismo por meio de 1.735 entidades distribuídas pelo Brasil, organizadas em Regiões Tradicionalistas conduzidas por equipes coordenadoras locais. Outros órgãos importantes são: a Fundação Cultural Gaúcha, responsável pelo desenvolvimento de práticas de atividades ligadas ao tradicionalismo, cultura e arte nativa, com finalidade de suprir as demandas econômicas do

MTG; e a Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha, órgão de representação nacional e, por fim, a Confederação Internacional da Tradição Gaúcha, criada afim de facilitar as relações entre as instituições espalhada pelo mundo. (CIRNE, 2017, p. 126 a 225)

Na construção da figura identitária do gaúcho, elementos literários, culturais e históricos edificaram a ideia do tipo local em particular, dando origem à imagem do personagem tal qual se conhece atualmente: um representante das tradições originadas nas atividades rurais. (BRUM, 2010)

Segundo o autor, no que diz respeito ao movimento tradicionalista especificamente, alguns elementos foram elencados e absorvidos como sendo partes características fundamentais deste povo. Observa-se com grande importância nos aspectos materiais, a indumentária e os objetos de uso pessoal, além de alguns elementos de uso na lida diária com o campo ou nos afazeres domésticos. Nos aspectos imateriais, destacam-se o linguajar, músicas, danças e alimentação. Todas as duas categorias mesclam diferentes procedências da formação étnico-racial do Rio Grande do Sul, ou seja, misturam os conhecimentos dos diferentes povos que fizeram parte da composição original do gaúcho.

Tratando primeiramente da indumentária típica gaúcha, a mesma está associada fortemente ao homem do campo, reproduzindo um personagem que mescla diferentes elementos, tanto aqueles considerados mais nobres (e que seriam utilizados pelos donos de terras) quanto aqueles mais populares, mais associados à lida direta no campo, portanto dos trabalhadores, dando vida a um estereótipo híbrido que não existiu realmente como hoje é representado, conforme sugere Gomes (2010).

Ainda segundo a autora, originalmente, as vestimentas dividiam-se basicamente em duas categorias: padrões e estancieiras, peões e chinas. Ambas as categorias sofreram alterações ao longo dos tempos, com as adaptações que se faziam necessárias em função do clima, das atividades desempenhadas, ou seguindo a evolução destes povos. Indicavam, por meio de suas vestes, a posição social em que se encontravam, criando um código que comprovava o pertencimento a uma classe, uma relação também identitária.

Explica que o primeiro elemento de vestuário utilizado por este gaúcho primitivo é o “*Chiripá*”, uma espécie de saiote em couro, algodão ou lã, com aspecto rústico, descrito por inúmeros viajantes como sendo o traje típico – e único – do indígena primitivo. A mulher utiliza inicialmente de um vestido simples, denominado *Tipoy*, também em material rústico,

com abertura para a cabeça, lhe caindo dos ombros até abaixo dos joelhos. Ambas as vestes são amarradas à cintura por tiras de couro. (Figura 1)

Figura 1 – Índio vestido com o *chiripá* primitivo e índia com o *tipoy* (1620 à 1730)



Fonte: FAGUNDES, A. A., 1985.

Defende que é possível perceber facilmente a relação entre as vestes primitivas e as novas peças, criadas a partir das primeiras, de forma a adaptar-se às novas necessidades sociais, ou mesmo como consequência da evolução da figura do gaúcho, como já citado anteriormente. Observa-se claramente que há uma forte relação das vestes dos peões com a proteção, seja para caçar o gado e cavalgar, como também em relação às variações climáticas, não devendo de forma alguma criar empecilhos ou atrapalhar seus movimentos.

Figura 2: Vestimenta relativa à fase do *Chiripá Farroupilha*



Fonte: FAGUNDES, A. A., 1985.

Considera-se ainda, que a evolução do traje gaúcho mostra a perpetuação do uso do *chiripá*, (Figura 2), sendo que o mesmo sofre alterações conforme cada período da história, mostrando-se parte da composição identitária regional ao carregar consigo as necessidades de

cada período. Embora as diferenças econômicas tenham persistido por toda a história da humanidade, neste período este traje foi amplamente utilizado pelas diferentes classes sociais, mostrando inclusive, o engajamento entre ambas no processo de disputa territorial pelo qual passa o Rio Grande do Sul.

Por volta do século XIX, começa a figurar no cenário local a tradicional bombacha, calça larga e apertada tornozelo, cuja origem é atribuída aos turcos, passando a fazer parte do vestuário no período da Guerra do Paraguai (1864 – 1870), tendo sido adotada por sua maneabilidade na montagem a cavalo – um símbolo da liberdade que se buscava. (SALEH, 2015)

Tal foi a identificação desta peça de vestuário pela população que passa a ser utilizada em grande escala, da lida no campo às ocasiões festivas. Em 1989, a bombacha passa a ser considerada indumentária oficial do gaúcho sul-rio-grandense, conforme normatização do MTG. (Figura 3)

Figura 3 –Vestimenta relativa à fase da *Bombacha* e ao vestido de *Prenda* (Séc. XX)



Fonte: FAGUNDES, A. A., 1985.

A partir da criação do MTG, esses elementos irão sofrer uma normatização, a fim de estabelecer um padrão a ser seguido, evitando distorções que pudessem alterar a tradição. Recebe, neste momento, a denominação de Pilcha Gaúcha¹⁰, fazendo-se lei para seus participantes. (SALEH, 2015)

¹⁰ Tipo de indumentária tradicional utilizada por homens e mulheres e relativas a cultura gaúcha.

Reforça que a figura do gaúcho tradicional carrega em si a indumentária como marca de sua cultura, associada à necessidade de “encarnar” corretamente esse personagem, portador de múltiplos significados, como um passaporte ao passado onde nada é por acaso.

Na imagem a seguir (Figura 4), é possível identificar alguns desses objetos que compõem indissociavelmente a figura do gaúcho caracterizado, portador de uma simbologia atrelada à história.

Figura 4 – Indumentária masculina do gaúcho típico



Fonte: FAGUNDES, A. A., 1985.

Com base nas diretrizes para a “Pilcha Gaúcha”, documento aprovado pela 67ª Convenção Tradicionalista Gaúcha em 2005, a indumentária atualmente divide-se em categorias como: atividades artísticas e sociais, pilcha campeira e pilcha para prática de esportes, ambas divididas entre trajes masculinos e femininos, cada categoria com suas especificidades.

Vale notar que a história da indumentária se comunica com a história do MTG, com dimensões inclusive pedagógicas de seus usos e significados. Estar pilchado significa estar identificado com um projeto cultural de afirmação do gauchismo, que visa inclusive destacar o Rio Grande do Sul como sendo um lugar diferenciado do restante do Brasil, como explica Gomes (2015, p.23):

Principalmente entre as crianças pequenas (entre 6 e 8 anos), é comum ouvir falas que apresentam a imagem de gaúcho reconhecida por eles, um sujeito que anda a cavalo, usa bombacha sempre, toma chimarrão e gosta de churrasco, se não se encaixam nestas características, dizem que não são gaúchos, pois existem muitos requisitos para aderir esta identidade, segundo seus aprendizados.

A simbologia no Rio Grande do Sul possui grande valor entre os cidadãos, mais ainda entre os tradicionalistas, para os quais sua representatividade está ligada aos valores e crenças. Com o intuito de registrar e divulgar os símbolos oficiais do estado, o IGTF - Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, lançou no ano de 2006, um livro organizado por Manoelito Carlos Savaris, intitulado “Nossos símbolos: nosso orgulho”, catalogando os mesmos por ordem cronológica, conforme o ano de aprovação da lei que os representa.

Os três primeiros símbolos catalogados são: a Bandeira, o Hino e as Armas (Lei 5.213/66), na sequência, a planta Erva-mate (Lei 7.439/80) e a ave Quero-Quero (Lei 7.418/80), a flor Brinco-de-Princesa, o Cavalo Crioulo (Lei 11.836/02) e a planta medicinal Marcela (11.858/02), a bebida Chimarrão (Lei 11.929/03) e o típico Churrasco (Lei 11.929/03).

Apesar de encontrarem-se todos no mesmo grau de importância para a sociedade gaúcha, um dos mais emblemáticos produtos da história do Rio Grande do Sul é o chimarrão, uma bebida amarga, de origem indígena, preparada a partir de ervas secas e moídas, imersas em água quente, cuja representatividade folclórica simboliza a paz e a concórdia entre os povos, visto que seu consumo é normalmente feito por grupos que compartilham de uma mesma cuia (recipiente onde se coloca a erva mate) e bomba (espécie de canudo metálico por onde é sorvida a água). (IGTF, 2006)

Outro importante elemento de forte identificação com essa cultura é o churrasco, cujas características particulares de preparo, com poucos temperos e assado sobre fogo de chão, chamuscado por fora e cru por dentro, remete à rusticidade dos primeiros gaúchos e sua origem campeira. (IGTF, 2006). De fato, a diferença com outras dimensões do regionalismo é que o gauchismo não quer estudar ou escrever sobre o gaúcho, mas oferecer um culto às tradições por “encarnação” de uma imagem. Sua personificação pelos tradicionalistas pretende representar o “verdadeiro” gaúcho. Eles se dão o título de “guardiões” de uma pureza, em nome de uma “autenticidade”. (TATSCH, 2017, p. 247)

No que se refere às ideias apresentadas, percebe-se que a figura do vaqueiro errante cria o mito do gaúcho, reforçado pelas figuras históricas revolucionárias, como Garibaldi e os demais personagens da revolução farroupilha. Pela vontade de se assemelhar a este mito, representante de uma imagem idealizada e heróica, embora muitas de suas características atribuídas tenham sido claramente romantizadas, o mesmo se perpetua na cultura regional por meio da repetição de padrões, como suas vestimentas, hábitos pessoais, linguajar, crenças e demais manifestações sociais.

4. ASPECTOS HISTÓRICOS E A MIGRAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL

“Podemos viver um momento tradicionalista de calção ou de smocking; tradicionalismo não se manifesta exclusivamente na forma de ser, mas principalmente na de sentir, de viver.” (Paixão Côrtes)

O presente capítulo aborda a imigração gaúcha para Mato Grosso do Sul, partindo primeiramente do viés histórico por meio do qual será apresentado o contexto social do período em que ocorrem as migrações para o estado. Posteriormente, serão trabalhados os conceitos dos termos pertinentes, como lugar, espaço, território e territorialidade, que se mostram fundamentais para embasamento do contexto. Por fim, serão discutidos os meios utilizados por essas comunidades para garantir a preservação da cultura gaúcha no novo território.

4.1 O contexto histórico da chegada em território mato-grossense

A história do Brasil – e das Américas como um todo – é marcada pelos recorrentes processos de imigração, iniciando-se pelos próprios colonizadores, posteriormente pelos escravos trazidos do continente africano e, na sequência, os diferentes grupos participantes diretos no desenvolvimento social, provenientes de diversos países europeus. Ao longo de muitos séculos, o Brasil constrói sua cultura tendo como pano de fundo a miscigenação das raças e a heterogeneidade cultural.

A ocupação do Sul de Mato Grosso data do século XVI, em uma movimentação voltada à demarcação de terras a fim de garantir a ocupação destas, visto que o Tratado de Tordesilhas não delimitava claramente as terras de Portugueses e Espanhóis.

Com a descoberta de ouro em Cuiabá, propicia-se a expansão portuguesa na região, com a construção de fortes e presídios na região da bacia do Paraguai, além da instalação de vilas que garantiam a consolidação da presença dos portugueses nas terras, como afirma Weingartner (1995, p. 17).

Ainda segundo a autora, o sul de Mato Grosso desenvolve-se grandemente em função do esgotamento das minas de ouro em Cuiabá, fazendo com que muitos trabalhadores migrassem para as regiões do sul do estado, “atraídos pela fertilidade da terra e pela grande quantidade de gado bravo do Campo de Vacaria, vêm em busca de prosperidade e se fixam na região, dando origem às vilas e às cidades”. (WEINGARTNER, 2005, p. 26-27)

Mavignier (2015, p. 256) sustenta que outro importante marco da ocupação gaúcha em terras do sul de mato grosso, foi a Guerra do Paraguai, ocorrida entre 1864 e 1870, considerada pelos historiadores como o maior conflito armado internacional da América do Sul. Neste período, o império mobiliza forças de diversas províncias do Brasil, tendo um grande voluntariado gaúcho, constituído principalmente por descendentes de alemães, além de negros e uma pequena parcela de italianos,

Ao fim dos conflitos, o contingente de soldados gaúchos que retorna ao seu estado relata aos demais a existência de grandes campos passíveis de ocupação para plantio e criação de gado. Ocorre a partir de então, um novo processo de migrações provenientes das regiões do sul do país, incentivados pelo cenário de crise social pelo qual passavam. Esses grupos “cruzaram a Argentina, passam pelo Paraguai e, na virada do século XIX, chegaram à região de Amambai, Ponta Porã e Bela Vista, estabelecendo-se naquela faixa até Dourados”. (MAVIGNIER (2015, p. 257)

Este processo se estende até o início do século XX, quando há um aumento na movimentação dos agricultores gaúchos para fora do estado, em função de problemas econômicos, políticos e sociais nas regiões do sul do país. Essa ocupação se dá primeiramente pelo oeste catarinense, sudoeste do Paraná e, posteriormente, chegam às terras do Mato Grosso e atual Mato Grosso do Sul. (MAVIGNIER, 2015)

Pontua que as orientações de migrações no sentido oeste intensificam-se após a chegada de Getúlio Vargas ao poder, quando há uma reorientação, durante o Estado Novo (1937-1945) e Getúlio Vargas empreende a chamada “Marcha para o Oeste”, em 1938.

O programa anunciado pelo governo buscava incentivar a migração por meio da colonização dirigida às regiões Norte e Centro Oeste, até então pouco povoadas e detentoras de terras férteis. Este processo tinha como objetivo a ocupação fronteira como demarcação de território, preenchimento dos vazios demográficos, promoção do desenvolvimento e integração destes locais aos grandes centros. A proposta convocava e instigava os brasileiros a fazerem parte desta “saga” como colonizadores, em busca de oportunidades, como esclarece ROCHA, (2006).

Ressalta que a política de Vargas, de migração interna, utilizava como justificativa o princípio da nacionalidade e da afirmação de uma identidade nacional, em um discurso otimista que, na verdade, mostrava-se extremamente positivo para o governo, pois solucionava em

grande parte os conflitos internos ocasionados pela falta de terras disponíveis nas regiões mais exploradas até então.

Neste contexto, a migração gaúcha em relação ao centro-oeste torna-se uma alternativa extremamente valorizada, como já tratada anteriormente. A bravura e experiência da lida com a terra, problemas sociais, como a Revolução Federalista (1893/1895) e a busca por melhores condições econômica, além do incentivo governamental, impulsionam a ocupação da região centro-oeste por grandes grupos, entre os quais os gaúchos se destacam.

Segundo Barrozo (2014), neste período da história, a população brasileira ainda é, em sua maioria, rural, sendo que destes, a maior parte vivia em situação de pobreza e atraso cultural, agravada pelo aumento do número de latifúndios, diminuição da porcentagem de terras livres, exploração da mão de obra e ausência de direitos trabalhistas. Diante deste cenário, os trabalhadores rurais mobilizam-se para exigir do governo novas condições e apoio aos trabalhadores, aumentando os conflitos internos entre proprietários de terras e colonos.

Registra-se, segundo o autor, a partir de 1950, grandes fluxos migratórios na região sul do estado de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), mais especificamente na região de Dourados, onde foi criada ainda em 1940 a Colônia Agrícola de Dourados, com implantação de diversas atividades fundiárias.

Acrescenta que, apesar de ser visto por muitos como uma grande oportunidade de recomeço, o processo de migração mostrou-se desde o início problemático. Apesar dos incentivos iniciais do governo, pouco ou nada foi feito no sentido de proporcionar qualidade de vida a estes trabalhadores que se aventuravam nas terras ainda desocupadas da região centro-oeste do Brasil. É possível afirmar, com base nos estudos em questão, que muitas foram as dificuldades enfrentadas por estes povos, tanto na ocupação como na permanência nos locais de destino.

O cenário encontrado pelos migrantes no centro oeste é de natureza praticamente intocada, com matas fechadas, pouca ou nenhuma infraestrutura urbana, estradas de difícil acesso e pouco desenvolvimento social. A ocupação branca ainda precisava vencer outros desafios, como a presença hostil de indígenas que se sentiam acuados com a ocupação territorial.

O desconhecimento das condições de solo e clima para plantio, doenças como a malária, a presença hostil de indígenas e matas densas a serem desbravadas sem maquinário, distância dos loteamentos em relação aos centros urbanos, ausência de infraestrutura básica, como

estradas, educação, saúde, comércio, energia elétrica, entre inúmeros outros problemas a serem solucionados. (BARROZO, 2014, p. 156)

Apesar de todas as histórias de sofrimentos enfrentados pelos gaúchos, é também este um contexto de afirmação da cultura deste povo, de forma que a organização social dos migrantes se mostrou fundamental no processo de enfrentamento das dificuldades:

A reconstrução da identidade gaúcha pela autoimagem deste grupo social, que se vê como desbravador, pioneiro e empreendedor que, ao deixar seu território de origem, carrega consigo, em sua bagagem, todo um cabedal de representações e referenciais socioculturais que são acionados no território de adoção como marca distintiva de sua territorialidade. (ROCHA, 2006, p. 36)

A chegada do gaúcho, assim como de outros migrantes, proporciona o desenvolvimento local e o crescimento de pequenas vilas, inicialmente, que irão transformar-se em cidades futuramente. O destaque para o povo gaúcho se dá, principalmente, pelo fato de que esses grupos se mantinham conectados em torno de sua cultura e, conseqüentemente, também se fortaleciam no trabalho, na lida com o campo, nas dificuldades diárias.

Desta forma, é possível afirmar que, embora claramente o estado do Rio Grande do Sul tenha se mostrado, em determinado momento da história, um local de estagnação para o crescimento social e, para algumas famílias, saturado e com poucas perspectivas do ponto de vista da empregabilidade e do sustento, o sulista cultivou em sua memória o saudosismo de sua terra natal, suas tradições enraizadas e um forte respeito por suas origens históricas, mantendo vivas suas características culturais mesmo em terras distantes.

4.2 Lugar, espaço, território e territorialidade.

É comum a associação dos conceitos de lugar e espaço ao conceito de território. Da mesma forma, a definição de territorialidade confunde-se com a palavra território, da qual deriva, no entanto, embora tais conceitos possam ser abordados por diferentes correntes teóricas e a partir de diferentes percepções, apontando inclusive para semânticas diferentes, são indissociáveis quando se busca uma compreensão relacionada às questões culturais.

Segundo Castilho e Mitidiero (2011, p.31), espaço configura-se como uma construção social endógena, delimitado a partir de ações nos campos da política, educação, cultura e intelectualidade, baseada exclusivamente no ser humano, pois “só haverá espaço a partir da

criação de uma estruturação mental de um território vivido, um mapa criado a partir de uma experiência”

Já o conceito de lugar, por sua vez, consiste no espaço vivido, com o qual são estabelecidos laços de afetividade. É o ambiente das relações humanas, o cenário social para a vida, podendo ser “a rua, a praça, o condomínio, o lugar rural, desde que possibilite o encontro coletivo e relações de afetividade”. (CASTILHO E MITIDIERO, 2011, p. 34)

Com relação às definições sobre territórios, Raffestin (1993, p. 60) entende como sendo o espaço onde acontece determinada ação desenvolvida pelo indivíduo, ocorrendo assim a territorialidade. Haesbaert (1999, p. 40 a 43), por sua vez, afirma que a palavra menciona uma ligação com a terra enquanto um fragmento do espaço, onde se constroem relações materiais e elos sociais. Defende, ainda, que toda identidade social é definida por um território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação tanto de ideias como também de um espaço geográfico concreto.

Ampliam esta discussão Saquet e Sposito (2009, p 87-88) ao afirmarem que:

A territorialidade efetiva-se em distintas escalas espaciais e varia no tempo através das relações de poder, das redes de circulação e comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações sociais realizadas entre sujeitos e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente (...) as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar. O território é um espaço de identidade ou pode se dizer que é um espaço de identificação. O sentimento é a sua base e a forma espacial importa muito pouco, pois esta pode ser variável.

Neste sentido, Raffestin (1993) defende territorialidade como sendo constituída não somente por relações de territórios concretos, mas também por relações abstratas, mantidas pelas relações sociais.

Ainda sobre a mesma ótica, Sá e Castilho (2014, p. 33) defendem que com as modificações e transformações ocorridas no espaço, proporcionadas pelos agentes e/ou comunidade, nasce o território e, com isso, a territorialidade e o sentimento de pertencimento com o local vivido pela comunidade.

De fato, as lutas históricas e disputas territoriais, já abordadas anteriormente neste estudo, são parte da história do Rio Grande do Sul. Ao longo de tantos embates, chegadas e partidas dos diferentes povos que ocuparam a região, o local foi aos poucos tomando forma e organizando-se, seja pelas mãos dos índios, negros ou brancos nas suas mais diferentes funções. Pouco a pouco, cada pedaço de chão vai pertencendo a algum lugar enquanto território

físico, mas também vai se tornando parte de alguém, seja uma pessoa, uma família ou do governo como representante do povo.

No que se refere às ideias apresentadas, é possível afirmar que o local se torna território ao mesmo tempo em que é territorializado, ou seja, na medida em que é demarcado fisicamente, torna-se parte da identidade dos habitantes.

4.3 A perpetuação da cultura gaúcha em Mato Grosso do Sul e os CTG's como fios condutores das relações

A manutenção da cultura gaúcha e seus costumes estão indissociavelmente vinculada à história dos CTGs, que por sua vez estão relacionados à chegada dos grandes grupos migratórios ao estado, quando ainda Mato Grosso.

A implantação destes grupos em um território novo e completamente diferente de suas origens, desperta a necessidade de afirmação de sua identidade social, o que é feito a partir da continuação de seus costumes culturais e práticas cotidianas. Também o relacionamento entre os povos de origens sulistas pode ser destacado como uma prática de busca pela perpetuação de suas tradições, de forma a fortalecer as lembranças.

Segundo Wagner (1995, p. 17), a fama dos gaúchos como desbravadores e mantenedores de uma forte identidade cultural é justificável principalmente pela maneira como os migrantes gaúchos deslocavam-se para os novos territórios: em grupos familiares que se instalavam próximos ou em um mesmo terreno, facilitando a manutenção de seus costumes.

Haesbaert (2011) explica que essa população, ao migrar para um local totalmente novo, sofre um processo de (des) territorialização, que não pode ser interpretada com base somente no segmento espacial, como o deslocamento físico de grupos sociais, mas sim na relação entre esse deslocamento e a perda da identidade vinculada ao espaço outrora ocupado.

Complementa Santos e Castilho (2012), ao citar a configuração de território e lugar, segundo a geografia humanística, como sendo o espaço vivido, familiar às pessoas. “Assim o território é a razão para as relações humanas, o próprio ato de reconhecer o território como seu, demonstra se o sujeito consegue se perceber enraizado nele, sendo importante na construção das relações sociais.” (2012, p.37)

Para Sá e Castilho (2014), a (des) territorialização é um processo eminente à (re) territorialização, sendo o primeiro o movimento pelo qual o indivíduo ou grupo abandona o território, enquanto o segundo é o movimento de reconstrução deste território.

Afiançam que, a (re) territorialização pode ser entendida a partir da reconstrução dos laços e sentimentos de pertença a um território, por meio de novas relações socioculturais, buscando a valorização deste local. Neste sentido, com base no processo de (re) territorialização, novas relações são criadas pelo migrante gaúcho por meio da apropriação política e/ou simbólica, espacial, a partir da construção de novas territorialidades em um novo local.

Kohl (2017, p. 04), afirma que os surgimentos dos Centros de Tradições Gaúchas podem ser vistos como “uma consequência natural da instalação dos gaúchos na região”, tendo como pioneiro no estado o CTG Farroupilha, inaugurado em 1^a de maio de 1962, na cidade de Campo Grande, na época ainda estado de Mato Grosso, futuramente Mato Grosso do Sul. (Quadro 1)

Quadro 01: Relação atual dos CTG's em funcionamento no estado de Mato Grosso do Sul

CTG	Cidade	Data Fundação
CTG Farroupilha	Campo Grande	01/03/1962
CTG Sentinela do Amambai	Amambai	01/09/1974
CTG Querência do Sul	Dourados	14/01/1978
CTG Querência da Saudade	Ponta Porã	23/01/1978
CTG Nova Querência	Maracaju	30/09/1978
CTG Cultivando a Tradição	Chapadão do Sul	19/07/1986
CTG Pousada dos Tropeiros	Camapuã	02/08/1986
CTG Tropeiro Velho	Rio Brilhante	08/10/1986
CTG Campos da Vacaria	Sidrolândia	10/10/1986
CTG Chama Crioula	São Gabriel do Oeste	18/10/1988
CTG Sentinela do Pantanal	Coxim	30/10/1988
CTG Porteira da Amizade	Jardim	09/03/1989
CTG Tropeiros da Querência	Campo Grande	23/09/1990
CTG Prenda Minha	Fátima do Sul	23/09/1993
CTG Sentinela da Fronteira	Mundo Novo	11/12/1994
CTG Amigos da Fronteira	Coronel Sapucaia	25/07/1997
CTG Lanceiros do Apa	Bela Vista	01/04/2004
CTG Os Matuchos	Itaquiraí	03/09/2006
CPF Mar de Xaraés	Campo Grande	03/03/2007
CTG Recanto da Laguna	Laguna Carapã	25/10/2012

Autor: KOHL, 2017, p. 08.

De acordo com dados da CBTG, atualmente no Brasil existem 2.834 CTG's distribuídos pelos estados e, aproximadamente, 5.000 Piquetes (outra denominação para entidade similar ao CTG) distribuídos apenas na região sul do Brasil.

CTGs configuram-se como entidades sem fins lucrativos, voltadas para a preservação do tradicionalismo gaúcho e sua difusão por meio “de diversas expressões culturais, usos e costumes do folclore gauchesco. Essas expressões culturais podem ser observadas na indumentária, bebida e comida típicas, música, poesia, rodas de chimarrão, vocabulário, danças, etc.” (KOHL, 2017, p. 05)

Vale ressaltar que, alguns hábitos culturais dos gaúchos reforçaram a necessidade da organização dos grupos tradicionalistas, como por exemplo, os costumes de relacionamentos próximos entre parentes e vizinhos, ou os almoços de domingo com a família reunida em torno da mesa, algo que não se vê de forma tão enfática em outras regiões. Foi a partir do saudosismo e da necessidade de se reestabelecer esses vínculos, fragmentados pela distância e pelas escolhas, que fizeram com que muitos grupos buscassem entre seus conterrâneos as semelhanças de valores, buscando manter entre estes a perpetuação de tradições diversas, nativas de sua origem.

Uma das características marcantes das organizações voltadas para o tradicionalismo gaúcho é, como em qualquer organização não-governamental, o voluntariado. As atividades desenvolvidas visam, exclusivamente, a manutenção cultural, sem fins lucrativos, o que pode ser considerado do ponto de vista social, uma referência do grande valor atribuída pelos gaúchos a esses feitos, dadas as circunstâncias de projeção nacional e internacional em que se encontram as entidades.

São atitudes como estas, de viés idealista, que marcam a identidade gaúcha no que diz respeito ao desenvolvimento local. É possível afirmar, com base nas teorias em apreço, que por onde passaram os gaúchos deixaram marcas positivas de desenvolvimento econômico e social, por meio da dedicação ao trabalho e do cooperativismo, adaptando-se às exigências de novos estilos empreendedores que se faziam necessários.

Pelo mesmo viés, João Ermelino de Melo, atual presidente da CBTG, em entrevista à Borsari (2007), defende que a presença dos gaúchos em Mato Grosso do Sul foi responsável pela mudança no perfil da economia estadual. “O comércio agrícola é voltado para o sulista, o “boom” de crescimento de Campo Grande foi de 1980 para frente, junto com a pecuária de

corde. Eles trouxeram a técnica e também a forma de comercialização. ” (BORSARI, 2007, p. 58)

Defende ainda, João Ermelino, que o diferencial dos grupos gaúchos é a organização, algo que se estende já há muitas décadas, uma herança dos tempos de guerra. Neste sentido, o saudosismo e o apego que existe pela transmissão dos seus costumes, acabam por dar força ao movimento.

Percebe-se, neste sentido, a importância do discurso na busca pela perpetuação da tradição gaúcha. A resignificação pela qual passa a cultura gaúcha, ao deslocarem-se de sua terra natal para um local completamente diferente, necessitou certa dose de imaginação para que pudesse ser continuada. Esse imaginário é praticado por meio do discurso, buscando dar significado a algo como sendo o ponto de partida, materializando o personagem gaúcho.

5. O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O GAÚCHO: PERCEPÇÕES ANALÍTICAS

As reportagens jornalísticas, disponíveis em diferentes veículos de mídia, são importantes elementos disseminadores da informação nos mais variados aspectos sociais, podendo atuar de maneira positiva, quando procedente de fontes confiáveis, como instrumento meio de comunicação regional, nacional ou mundial.

Considerando o texto jornalístico informativo como sendo de fundamental importância para a promoção do conhecimento na sociedade, os mesmos foram utilizados como referência para uma análise crítica aprofundada do discurso em relação ao povo gaúcho e suas tradições culturais. Para tanto, foram selecionadas reportagens voltadas para a temática em questão, veiculadas em diferentes páginas da internet, que posteriormente serão analisadas, organizadas em categorias e sintetizadas a partir da ótica da Análise Crítica do Discurso.

É importante explicitar a escolha dos textos ora analisados, volta-se ao discurso jornalístico que costuma ser evidenciado quando da comemoração no dia 20 de setembro, do “dia do gaúcho” e normalmente aos acontecimentos da chamada Revolução Farroupilha.

De acordo com Petri (2004, p. 102) os gaúchos nesse embate, estavam ora lutando do lado do Império, ora contra ele, emprestando seu brio aos que se aproveitavam dele, pois vivia (m) forçado (s) a dar sua contribuição de homem sem propriedade.

A escolha dos textos jornalísticos, objetivou evidenciar em Mato Grosso do Sul, referente a esta importante data relacionada ao povo gaúcho, como ocorrem os discursos ou seja “tornar objeto aquilo sobre o que se fala, institucionalizar os sentidos no efeito de linearidade e homogeneidade da memória”. (MAIANI, 1996, p. 63)

5.1 Percepções sobre análise crítica do discurso

O discurso, de acordo com Fairclough (2001), é visto como uma prática social que tem dupla ação: reproduzir e transformar as realidades sociais. Neste prisma, o sujeito da linguagem em uma visão psicossocial, é tanto propenso ao moldamento ideológico e linguístico como também pode agir com práticas discursivas contestadoras, resistentes e reestruturadoras da dominação e das formações ideológicas, ora ressignificando, ora reconfigurando estas formações discursivas/sociais.

Neste contexto, segundo o autor, o discurso é uma prática representativa e significativa de mundo, pois colabora na construção de identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimentos e crenças. A prática discursiva envolve os processos de produção, distribuição e consumo de textos nos diferentes tipos de discurso e de acordo com fatores sociais, assim como as ordens do discurso envolvem a totalidade de práticas discursivas dentro de uma instituição ou sociedade, além das relações entre elas.

É relevante enfatizar que os textos postulam e estabelecem posições interpretativas para sujeitos interpretantes e, esses interpretantes, além de sujeitos discursivos, são também sujeitos sociais, com experiências acumuladas, recursos, dimensões múltiplas da vida social; sendo assim as estruturas discursivas variam em função do poder social dos falantes e trazem uma representação por meio de seus discursos. (DORSA, 2006)

A melhor forma de analisar criticamente o discurso na concepção de van Dijk (1997), é delimitá-lo às categorias analíticas: Sociedade, Cognição e Discurso, em razão de que estas categorias mantêm entre si, uma inter-relação na medida em que uma se define pela outra: as formas de conhecimento ideológicas são sociais e construídas no e pelo discurso.

Sendo assim, os discursos são vistos como práticas sóciointeracionais, convencionadas na e pela sociedade e se manifestam tanto como discursos, que têm acesso ao público, quanto como eventos discursivos particulares; a sociedade é entendida como um conjunto de grupos sociais, estabelecendo relações sócio cognitivas intra, inter e extragrupo, já as cognições sociais definem-se como um marco de conhecimentos reunindo pessoas que, a partir do mesmo ponto de vista, focalizam o que acontece no mundo.

Desde que se considere que a dialética entre a interação discursiva com os discursos institucionalizados e eventos discursivos particulares, há uma dinâmica para as diferentes formas de conhecimento social, tanto no intragrupo, intergrupo e extragrupo pois há interação sócio cognitiva entre o individual e o social.

As estruturas discursivas variam em função do poder social dos falantes e trazem uma representação social das formas de exercício do poder dos falantes por meio de seus discursos. Neste contexto, é importante examinar a representação da dominação da fala na pesquisa elaborada.

Os tópicos do discurso, segundo Van Dijk (1977,1980) incorporam as informações mais importantes de um discurso e explicitam toda coerência textual e conversacional, propiciando uma representação fundamental na ACD, seja por razões discursivas, cognitivas ou sociais,

podem também serem definidas como macroestruturas semânticas e derivadas dos significados locais (microestruturas) por representarem o que o discurso ‘quer dizer’ em termos globais.

Os tópicos muitas vezes podem ser inferidos ou determinados pelos usuários da fala, no entanto se fazem presentes em sumários, manchetes, títulos, orações ou conclusões. Para van Dijk e Kintsch (1983), é uma forma estratégica de acordo com a intenção do falante em influenciar ou manipular o discurso.

Dentre as categorias para a análise textual, sob a ótica de Teun Van Dijk (1997), foram selecionadas as macroestruturas semânticas, ou seja, o que os discursos querem dizer, são consideradas o conjunto das macroestruturas de proposições (macroproposições) que objetivam dar sentido, unidade e coerência global ao texto. A partir das macroestruturas selecionadas dos diferentes textos pesquisados, é importante sumariá-las em uma nova redução com o objetivo de se inferir a macroproposição de nível mais alto, ou seja, o tópico geral ou os princípios gerais sobre como o assunto é analisado.

5.2 Percepções analíticas

Para a análise textual sobre a ótica da ACD – Análise Crítica do Discurso, foram selecionados 06 textos jornalísticos, disponíveis no ambiente virtual, referentes ao dia 20/09 - data em que se comemora o “Dia do gaúcho” – todos tratando sobre a presença dos gaúchos em Mato Grosso do Sul, sua chegada, características do povo gaúcho, meios de adaptação da cultura gaúcha em terras distintas, entre outras questões que envolvem o relacionamento entre ambas as culturas.

As análises buscam compreender como a imagem do gaúcho apresenta-se socialmente, tanto do ponto de vista exógeno, da sociedade em geral, como também de modo endógeno, a partir dos centros de tradições gaúchas, com destaque para a percepção da identidade, memória, tradição e territorialidade, conceitos fundamentadores do processo de aculturação.

Buscou-se, por meio das reportagens selecionadas, compreender como se manifestam ou mesmo como se representam os gaúchos nos grupos sociais em que estão inseridos, seus hábitos, costumes e discurso social, como elementos fundamentais da manutenção de sua cultura, reconhecidamente fortalecida em diversos estados brasileiros.

Quadro 02 – Texto jornalístico 01

TEXTO 01: Cerca de 43 mil gaúchos vivem em Mato Grosso do Sul, segundo IBGE.

Do G1 MS, com informações da TV Morena - 20/09/2012 10h02

Na semana em que os gaúchos relembram a Revolução Farroupilha, o Bom Dia MS faz uma homenagem a esse povo que contribuiu para o desenvolvimento de Mato Grosso do Sul. Conheça histórias de pessoas que vieram do extremo sul do país em busca de novas oportunidades no Centro-Oeste e prosperaram longe da terra natal. Roberto Rech saiu de Caxias do Sul para fundar, há mais de 30 anos, uma empresa de refrigeração em Campo Grande. Ele conta que começou com dois funcionários e agora emprega mais de 100 colaboradores, que trabalham em sete lojas.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pelo menos 43 mil gaúchos vivem em Mato Grosso do Sul. Os primeiros migrantes chegaram no final do século 18. Na década de 1970 houve uma nova onda de migrantes gaúchos com destino à região centro-sul do estado, para trabalhar nas lavouras de soja.

Azílio Buzanello veio do Rio Grande do Sul para plantar soja no município de Amambai, sul do estado, há mais de 35 anos. O fazendeiro diversificou as atividades, e atualmente é dono de uma gráfica onde trabalham as duas filhas que ajudam a administrar os negócios.

A Semana Farroupilha remete ao dia 20 de setembro de 1835, data que marcou o início da Guerra dos Farrapos, uma luta armada que resultou na independência da província de São Pedro do Rio Grande do Sul em relação ao império brasileiro, durante dez anos.

Disponível em:

<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2012/09/cerca-de-43-mil-gauchos-vivem-em-mato-grosso-do-sul-segundo-ibge.html>

Quadro 03 – Texto jornalístico 02

TEXTO 02: No dia do gaúcho, histórias de quem deixou o Rio Grande para viver em MS.

20/09/2012 17:15 - Elverson Cardozo

Solenidade realizada durante as comemorações da semana farroupilha

Eles representam 1,75% da população de Mato Grosso do Sul. Estão longe de casa há anos, mas não deixaram de lado as tradições características da região sul do país. Hoje, data em que se comemora o início da revolução farroupilha, ocorrida há 177 anos, as atenções se voltam a eles, os gaúchos, que conquistaram reconhecimento e respeito, ajudando a fundar cidades e a cunhar uma cultura de misturas no Estado. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - elaborado em 2009 e tendo como base a população residente - apontam que há aproximadamente 43 mil gaúchos vivendo no Estado.

O empresário do setor de prestação de serviços, Robinson Souto, de 41 anos, chegou à Capital há 25 anos, em 1987, atraído pelas oportunidades que a região apresentava.

Aqui, Robinson casou, teve filhos e se estabilizou. Hoje, não pensa em voltar a Passo Fundo (RS), cidade onde nasceu, porque, como tantos outros, é apaixonado pela cidade Morena. “Eu só vejo gaúchos chegando, mas não indo embora”, comentou.

História - Para o empresário, esta quinta-feira é mais que o “dia do gaúcho”. Representa a vitória de um povo desbravador que está sempre em busca de novos caminhos.

E foi em busca de oportunidades que os gaúchos chegaram a Mato Grosso do Sul, por volta da década de 60, explicou. O início foi na região sul, em municípios como Maracaju e Dourados.

Depois, atraídos por “terra boa”, chegaram a São Gabriel do Oeste e Chapadão do Sul. A erva mate cultivada na fronteira era só um dos atrativos da região vista como promissora. O principal motivo, relembrou, foi a agricultura e pecuária.

Em Campo Grande, a presença de gaúchos se tornou mais intensa a partir dos anos 70. “Já existiam muitos aqui, mas quando se tornou Capital houve uma migração do povo gaúcho para cá pelas notícias de um estado novo”, afirmou.

“Para qualquer cidadão brasileiro que queira viver com qualidade de vida é uma cidade com uma estrutura urbanística muito boa, com estrutura, onde se pode criar os filhos não tendo tanta preocupação como em grande metrópole”, avaliou, ao dizer, ao dizer que, além desse fator, Campo Grande tem uma das maiores e melhores colônias gaúchas do país.

A secretária executiva e diretora artística do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) Tropeiros da Querência, Fátima Tumelero, de 33 anos, ressalta a importância da data e diz que as comemorações realizadas pelas colônias instaladas na cidade ajudam a manter viva a cultura do sul do país.

“É muito importante para o gaúcho. É uma maneira de você, mesmo estando fora do Estado, manter a tradição”, disse. “Uma forma de matar a saudade”, acrescentou.

A entidade é uma das três existentes em Campo Grande e conta com cerca de 100 associados, a maioria gaúchos, mas há simpatizantes também, explicou.

Mas, apesar disso, não há atrações agendadas. “Dentro do CTG um toca gaita, um toca violão, um canta...”, justificou, acrescentando que o improvisado, no final das contas, fica melhor que o planejado.

As festas comemorativas são realizadas desde a fundação do Centro – que foi inaugurado em 1990 - e continua a reunir muita gente. No ano passado, durante uma semana, aproximadamente 700 pessoas passaram pelo local.

Disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento/no-dia-dos-gauchos-historias-de-quem-deixou-o-rio-grande-para-viver-em-ms>

Quadro 04 – Texto jornalístico 03

TEXTO 03: Os migrantes no sul de Mato Grosso antes da década de 1930.

A região sul do antigo Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) desde o fim do século XIX viu um aumento importante no fluxo de migrantes, sobretudo gaúchos. Claro que esta migração está abaixo da que ocorreria durante o governo de Getúlio Vargas e posteriores, mas já começava a mudar o cenário regional.

Um desses gaúchos Thomaz Laranjeira, vindo com a como provedor de suprimentos para a Comissão Mista de Limites Brasil-Paraguai, do pós-Guerra do Paraguai, obteve, em fins de 1882, uma concessão de exploração, no sistema de arrendamento, de uma extensa área de terras devolutas situadas na faixa de fronteira com a República do Paraguai, isto é, a região onde mais tarde surgiria a povoação de Ponta Porã, onde extrairia erva-mate [1].

Diversos dos demais migrantes desse período ocuparam áreas de produção de erva-mate, sendo que alguns deles disputariam território com a Companhia Mate Laranjeira (sucessora da empresa individual de Thomaz Laranjeira), empresa que teve o virtual monopólio da produção erva-mate no estado nas primeiras décadas do século XX. É nesse sentido que o historiador Paulo Queiroz nos diz que foi significativo o fluxo migratório para o sul do estado logo após a Guerra do Paraguai.

Para além da disputa de espaço e controle da produção erva-mate, a história de alguns desses migrantes acabou mesmo se mesclando com a da Companhia Mate Laranjeira. É o que conta, por exemplo, o senhor Ricardo Dauzacker a respeito de um dos tios de sua avó, Modesto Dauzacker, que foi administrador da Fazenda Campanário, sede da empresa a partir da década de 1930, e um dos primeiros prefeitos de Ponta Porã.

Aliás, sendo o assunto migração para o sul de Mato Grosso e em alguns casos a produção de erva-mate, um exemplo importante é o da família Dauzacker (sobre eles falarei em outra postagem). O senhor Astúrio Dauzacker, primo de Ricardo, disse que em 1905 teria vindo do Rio Grande do Sul seu avô, Constâncio Luiz da Silva, ao Guaçu, no atual município de Dourados [5]. Além disso, o senhor Ricardo e seu irmão Clóvis, são filhos do senhor Ramão Marques Dauzacker, nascido em Dourados em 1914, um importante produtor (daqueles que chamo de “colonos ervateiros”) no período posterior da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, que também era comprador e vendedor de erva-mate. Além da erva-mate, uma parte importante dos numerosos migrantes que vieram para o sul de Mato Grosso até a década de 1930 se dedicou também à criação de gado e construíram um “universo paralelo” à Companhia Mate, muitos deles, assim como ela, vinculados ao mercado platino, igualmente usuários do rio Paraguai.

Disponível em: <http://www.identidade85.com/2013/01/os-migrantes-no-sul-de-mato-grosso.html>

Quadro 05 – Texto jornalístico 04

TEXTO 04: Gauchada festeja Semana Farroupilha com porco no rolete, chimarrão e bolo frito

13/09/2016 08:27 Thaila Torres

Com churrasco, leitão no rolete e chimarrão, começa hoje a programação da Semana Farroupilha em Campo Grande. Com os trajes característicos, nesta terça-feira o CTG Tropeiros da Querência já iniciou as comemorações às 7h, acendendo a Chama Crioula, símbolo da festa mais tradicional do Rio Grande do Sul. Os sabores desta manhã são o do chimarrão com bolo frito.

No entanto, no Tropeiros os eventos principais começam amanhã, a partir das 20h, com jantar no galpão crioulo, com a tertúlia livre e um churrasco no cardápio.

Na sexta-feira, haverá jantar e encontro de gaiteiros. No fim de semana a programação inicia ao meio dia do sábado, com churrasco campeiro na sede campo do CTG. No domingo, haverá a tradicional missa em rito crioulo e depois será servido almoço. As comemorações terminam no dia 20 nos Tropeiros da Querência, com jantar e extinção da chama crioula.

As atividades acontecem entre os dias 14 e 20, com tertúlia, ciranda cultural e jantar todos os dias, sempre a partir das 19 horas. No cardápio, haverá arroz de china com feijão tropeiro, vaca atolada, galinhada e arroz carreteiro.

No domingo, dia 18, o CTG começa as atividades às 10h, com o hasteamento das bandeiras, execução dos hinos do Rio Grande do Sul e de Mato Grosso do Sul, homenagens e almoço especial com o leitão no rolete preparado por assadores de São Gabriel do Oeste.

Após o almoço, a festa continua com o baile do Grupo Brasil Gaúcho, de Tapejara, no Rio Grande do Sul e repertório de música regional gaúcha.

A data relembra o começo da guerra dos Farrapos, que durou 1835 a 1945, o mais longo e um dos mais significativos movimentos de revoltas civis que tinha como ideal liberdade, igualdade e humanidade.

O CTG Tropeiros da Querência fica na Rua Miguel Sutil, 445, no Vilas Boas. Para qualquer um que quiser curtir a Semana Farroupilha, o ingresso custa R\$ 20,00 durante a semana e R\$ 25,00 no sábado e domingo. Informações: (67) 3341-1810.

Já o CTG Farroupilha fica na Avenida Ernesto Geisel, após o viaduto da Mascarenhas de Moraes. O ingresso para o almoço do dia 18 custa R\$ 30,00. Informações e vendas pelos telefones: (67) 98215-1530, 99921-8808 e 3321-0088.

Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/ado-b-diverso/gauchada-festeja-semana-farroupilha-com-porco-no-rolete-chimarrão-e-bolo-frito>

Quadro 06 – Texto jornalístico 05

TEXTO 05: Mato Grosso é a terra onde os gaúchos têm vez e "fazem a melhor festa".

Município de Querência sediará o 14º Festival Nacional de Arte e Tradição, promovido pela Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha - Terça-Feira, 18 de Julho de 2017, 15h:32

Rui Matos

Mato Grosso é mesmo uma terra de todos os povos, sem distinção. Mas, se tem um que construiu uma história diferenciada foi o gaúcho. Hoje, os gaúchos estão espalhados em dezenas de municípios do Estado e são, tradicionalmente, produtores de soja por excelência. É uma história antiga, com direito a “era uma vez”. Pois bem, isso foi há muito, muito tempo atrás.

Os primeiros migrantes chegaram ao final do século 18 e se estabeleceram na porção sul do estado, onde hoje é Mato Grosso do Sul. Foi, sobretudo, na década de 1970 que houve a maior onda de migrantes com destino à região centro-sul do estado para trabalhar nas lavouras de soja. Na verdade, começaram plantando arroz na região do médio e baixo Araguaia.

Esse povoamento resultou na fundação de cidades como Água Boa, Canarana e Querência, principalmente. Depois, continuaram avançando para o Médio Norte, Norte e Oeste, sempre deixando um rastro de desenvolvimento. Junto, o gaúcho foi cativando adeptos a sua cultura. Trouxe o chimarrão, churrasco, danças e sua forma peculiar de se divertir com jogos e festas. Também agregou costumes locais. Emprestou e recebeu cultura. O resultado disso poderá ser conferido entre os dias 19 e 23 de julho no município de Querência, que recebe a 14ª edição do Festival Nacional de Arte e Tradição (Fenart), além do 18º Rodeio Crioulo Nacional de Campeões e a 8ª edição dos Jogos Tradicionalistas. A festa é gaúcha, mas é para mato-grossense ver e participar.

Os eventos tradicionais gaúchos foram criados para difundir e manter viva a cultura sulista por meio de danças típicas com a ivernada artística e as danças de salão, e ainda a culinária, indumentária ou traje típico (a pilcha) e a história. O festival também busca fortalecer a identidade de um povo, cultivando suas tradições e transmitir aos mais jovens valores como educação e disciplina.

É fato que a história gaúcha mais recente em Mato Grosso, por conta do boom da soja, é a mais contada, porém, não é a única. É preciso analisar a história como um todo, desde o Movimento Federalista no Sul do Brasil, passando pela Política Expansionista do Governo Getúlio Vargas e pelos programas oficiais que concederam terras e recursos para os projetos de colonização na década de 1970.

É justo afirmar que a história gaúcha em Mato Grosso não se limita ao avanço dos campos de soja, há cerca de 50 anos. É bem mais antiga, registrando cerca de 200 anos de convívio que moldou um novo Estado, uma nova geopolítica. Uma história que vai demorar muito para terminar. Talvez, nunca termine!

Disponível em:

<http://www.portalmatogrosso.com.br/cotidiano/mato-grosso-e-a-terra-onde-os-gauchos-tem-vez-e-fazem-a-melhor-festa/35545>

Quadro 07 – Texto jornalístico 06

TEXTO 06: Mesmo com o clima quente, tradição ‘vence’ e chimarrão reina entre gaúchos em MS.

Guilherme Cavalcante

A tradição gaúcha é daquelas fortes e enraizadas, capaz de ultrapassar limites, divisas e fronteiras. Não é a toa que o ‘Dia do Gaúcho’, comemorado nesta quarta-feira (20), costuma ser bem movimentado pelos lados de cá – desde o último dia 13, uma programação especial chamada ‘Semana Farroupilha’ é

proporcionada nos CTG (Centro de Tradições Gaúchas) de Campo Grande, com o objetivo de manter forte a relação entre gaúchos deslocados e suas raízes. Todavia, não é por isso que passar a principal data de celebração da cultura gaúcha longe do Rio Grande do Sul é menos dolorido. O clima de saudade inevitavelmente emerge quando vem à mente que neste momento as ruas das cidades gaúchas estão cheias de gente, devido ao feriado que celebra a ‘Revolução Farroupilha’. Em 1835, o conflito de caráter separatista colocou gaúchos e o Império em lados opostos, e influenciou a proclamação da República, ou seja, o Brasil aos moldes atuais.

Os CTG têm papel fundamental não só para manter a tradição viva, mas também na hora de segurar a saudade. Isso porque durante a Semana Farroupilha, os costumes, a música, danças e, principalmente, a gastronomia gaúcha são celebradas com bem mais intensidade. Mas, o respeito à terra que acolhe também é cultivado, conforme aponta Mario Marcio Ignacio Cavanha, o ‘patrão’ do CTG Tropeiros da Querência.

“Nós temos sempre que cultivar aquilo que nossos pais nos ensinaram, os costumes que terra de origem nos proporcionou. Mas também temos grande respeito pela cultura local, tanto é que para a abertura da Semana Farroupilha nós fizemos homenagem a Mato Grosso do Sul”, destaca Marcio. “Temos essa relação de pertencimento com a casa que nos acolhe, então também tratamos a cultura sul-mato-grossense com respeito”, completa.

Disponível em:

<https://www.midiamax.com.br/midiamais/2017/mesmo-com-o-clima-quente-tradicao-vence-e-chimarrao-reina-entre-gauchos-em-ms/20/09/2017 - 15h55>

A partir da leitura dos textos selecionados, as macroestruturas semânticas foram divididas em 04 categorias: visão histórica, tradição, desenvolvimento em Mato Grosso do Sul e O papel dos CTGs.

Quadro 08 – Categoria de Análise 01

A) Categoria 1 – Visão Histórica

M 1 – Os primeiros migrantes chegaram ao final do século 18 e se estabeleceram na porção sul do estado, onde hoje é Mato Grosso do Sul. Foi, sobretudo, na década de 1970 que houve a maior onda de migrantes com destino à região centro-sul do estado para trabalhar nas lavouras de soja. (T5)

M2 – E foi em busca de oportunidades que os gaúchos chegaram a Mato Grosso do Sul, por volta da década de 60. (T2)

M3 - Na década de 1970, houve uma nova onda de migrantes gaúchos com destino à região centro-sul do estado, para trabalhar nas lavouras de soja (T1)

M 4 – Os gaúchos representam 1,75% da população de Mato Grosso do Sul. (T2)

M 5 - A região sul do antigo Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) desde o fim do século XIX viu um aumento importante no fluxo de migrantes, sobretudo gaúchos. (T3)

M 6 - O empresário do setor de prestação de serviços, Robinson Souto, de 41 anos, chegou à Capital há 25 anos, em 1987, atraído pelas oportunidades que a região apresentava. (T2)

M 7 - É justo afirmar que a história gaúcha em Mato Grosso não se limita ao avanço dos campos de soja, há cerca de 50 anos. É bem mais antiga, registrando cerca de 200 anos de convívio que moldou um novo Estado, uma nova geopolítica. (T5)

M 8 - Desde os anos 70, Mato Grosso do Sul concentra uma das mais fortes colônias gaúchas brasileiras, compostas por migrantes e seus descendentes. (T6)

M9 - É fato que a história gaúcha mais recente em Mato Grosso, por conta do boom da soja, é a mais contada, porém, não é a única. (T5)

M10 -É preciso analisar a história como um todo, desde o Movimento Federalista no Sul do Brasil, passando pela Política Expansionista do Governo Getúlio Vargas e pelos programas oficiais que concederam terras e recursos para os projetos de colonização na década de 1970.(T5)

Infere-se nos elementos em destaque, a relevância histórica e social da chegada dos gaúchos à região Centro Oeste do Brasil, mais especificamente em relação ao estado de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. A presença se faz notar desde o século XVIII, vindo a se fortalecer no século XX, a partir do ano de 1970. É possível afirmar, com base nas macroestruturas, a contribuição deste povo para o desenvolvimento social, em destaque ao trabalho agrícola, voltados para tanto para o plantio como para a criação de animais, sendo atribuído aos mesmos, inclusive, a valorização do produto e a inserção do uso de tecnologias nos processos, alavancando as produções. São esses elementos pontuados, importantes referenciais históricos para um estado como Mato Grosso do Sul, cuja formação está nitidamente relacionada ao crescimento rural e suas particularidades.

Quadro 09 – Categoria de Análise 02

B) Categoria 2 – Tradição

M 1 - Estão longe de casa há anos, mas não deixaram de lado as tradições características da região sul do país. (T2)

M 2 - as comemorações realizadas pelas colônias instaladas na cidade ajudam a manter viva a cultura do sul do país. (T2)

ME 3 - “É muito importante para o gaúcho. É uma maneira de você, mesmo estando fora do Estado, manter a tradição”, disse. “Uma forma de matar a saudade” (T2)

ME 4 - A data relembra o começo da guerra dos Farrapos, que durou 1835 a 1945, o mais longo e um dos mais significativos movimentos de revoltas civis (T4)

ME 5 - Mato Grosso é mesmo uma terra de todos os povos, sem distinção. Mas, se tem um que construiu uma história diferenciada foi o gaúcho (T5)

ME 6 - Junto, o gaúcho foi cativando adeptos a sua cultura. Trouxe o chimarrão, churrasco, danças e sua forma peculiar de se divertir com jogos e festas. (T5)

ME 7 - Os eventos tradicionais gaúchos foram criados para difundir e manter viva a cultura sulista por meio de danças típicas com a internada artística e as danças de salão, e ainda a culinária, indumentária ou traje típico (a pilcha) e a história. (T5)

MA 8 - A tradição gaúcha é daquelas fortes e enraizadas, capaz de ultrapassar limites, divisas e fronteiras. (T6)

MA 9 - Os CTG têm papel fundamental não só para manter a tradição viva, mas também na hora de segurar a saudade (T6)

Sumarizando as macroestruturas referentes à tradição, fica evidente que a palavra relacionada à cultura do país e a necessidade de mantê-la viva "mesmo estando fora do estado" é de suma importância para a manutenção cultura e dos hábitos do povo gaúcho. Outro aspecto importante percebido nas macroestruturas relacionadas à tradição, é a forma como a difusão da cultura e hábitos ficam evidentes nos eventos tradicionais e no papel fundamental dos CTGs, na forma cativante de conseguir novos adeptos, entre eles os sul-mato-grossenses, seja no hábito do chimarrão, na presença nos eventos tradicionais, seja na forma de consumir o churrasco. Fica evidente no texto a construção de uma história diferenciada que é capaz “de ultrapassar limites, divisas e fronteiras”. (T6).

Quadro 10– Categoria de Análise 03

C) Categoria 3 – Desenvolvimento em Mato Grosso do Sul

M 1 – É fato que a história gaúcha mais recente em Mato Grosso, por conta do boom da soja, é a mais contada, porém, não é a única (T2)

M2 – Além da erva-mate, uma parte importante dos numerosos migrantes que vieram para o sul de Mato Grosso até a década de 1930 se dedicou também à criação de gado (T3)

M 4 Depois, atraídos por “terra boa”, chegaram a São Gabriel do Oeste e Chapadão do Sul. A erva mate cultivada na fronteira era só um dos atrativos da região vista como promissora. O principal motivo, lembrou, foi a agricultura e pecuária. **(T2)**

M 5 – Essa é a primeira vez que Mato Grosso sedia o evento nacional que deve reunir cerca de 10 mil pessoas, trazendo retornos positivos para a economia e turismo da região do Vale do Araguaia, **(T5)**

M 6 - Hoje, os gaúchos estão espalhados em dezenas de municípios do Estado e são, tradicionalmente, produtores de soja por excelência **(T5)**

M 7 - Azílio Buzanello veio do Rio Grande do Sul para plantar soja no município de Amambai, sul do estado, há mais de 35 anos. O fazendeiro diversificou as atividades, e atualmente é dono de uma gráfica onde trabalham as duas filhas que ajudam a administrar os negócios.**(T1)**

M 8 - Roberto Rech saiu de Caxias do Sul para fundar, há mais de 30 anos, uma empresa de refrigeração em Campo Grande. Ele conta que começou com dois funcionários e agora emprega mais de 100 colaboradores, que trabalham em sete lojas. **(T1)**

M9 Aqui, Robinson casou, teve filhos e se estabilizou. Hoje, não pensa em voltar a Passo Fundo (RS), cidade onde nasceu, porque, como tantos outros, é apaixonado pela cidade Morena. “Eu só vejo gaúchos chegando, mas não indo embora”, comentou. **(T 2)**

A Categoria 3 - Do Desenvolvimento em Mato Grosso do Sul a partir de suas macroestruturas semânticas reforça os objetivos mais relevantes da vinda dos gaúchos para o então Mato Grosso: extração da erva-mate, mas as demais macroestruturas reforçam que a agricultura (soja) e pecuária foram as molas propulsoras não só da vinda ao Estado como também da impulsão ao desenvolvimento do MS, recém-criado assim como a presença gaúcha em outros setores do desenvolvimento das regiões sul-mato-grossenses, principalmente Chapadão do Sul e São Gabriel do Oeste, cidades estas com a presença marcante da comunidade gaúcha.

Quadro 11 – Categoria de Análise 04

D) Categoria 4 – A Semana do Farroupilha e a marca identitária dos CTGs

M1 – Na semana em que os gaúchos lembram a Revolução Farroupilha, o Bom Dia MS faz uma homenagem a esse povo que contribuiu para o desenvolvimento de Mato Grosso do Sul. **(T1)**

M2 – Hoje, data em que se comemora o início da revolução farroupilha, ocorrida há 177 anos, as atenções se voltam a eles, os gaúchos, que conquistaram reconhecimento e respeito, ajudando a fundar cidades e a cunhar uma cultura de misturas no Estado. (**T2**)

M3 – As comemorações realizadas pelas colônias instaladas na cidade ajudam a manter viva a cultura do sul do país. “É muito importante para o gaúcho”. (**T6**)

M4 – Com churrasco, leitão no rolete e chimarrão, começa hoje a programação da Semana Farroupilha em Campo Grande. (**T4**)

M5 - Durante a Semana Farroupilha, os costumes, a música, danças e, principalmente, a gastronomia gaúcha são celebradas com bem mais intensidade. Mas, o respeito à terra que acolhe também é cultivado, conforme aponta Mario Marcio Ignacio Cavanha, o ‘patrão’ do CTG Tropeiros da Querência. (**T6**)

M6 - Para a abertura da Semana Farroupilha nós fizemos homenagem a Mato Grosso do Sul”, destaca Marcio. “Temos essa relação de pertencimento com a casa que nos acolhe, então também tratamos a cultura sul-mato-grossense com respeito”, completa. (**T4**)

M7 - É justo afirmar que a história gaúcha em Mato Grosso não se limita ao avanço dos campos de soja, há cerca de 50 anos. É bem mais antiga, registrando cerca de 200 anos de convívio que moldou um novo Estado, uma nova geopolítica. (**T5**)

Nesta categoria, as macroestruturas semânticas evidenciam inicialmente a partir da Semana Farroupilha, uma forma de homenagear o povo gaúcho e sua importância para o desenvolvimento do estado de Mato Grosso do Sul. A ênfase também se faz presente na manutenção viva de comemoração de um fato histórico importante para o Rio Grande do Sul que é a Revolução Farroupilha assim como a comemoração anual que ocorre nos Centros de Tradições Gaúchas, nitidamente em Mato Grosso do Sul nos mais de vinte CTGs existentes.

A presença do churrasco, leitão no rolete e chimarrão traz a marca identitária da cultura gaúcha assim como as demais festividades existentes nos CTGs “ não só para manter a tradição viva, mas também na hora de segurar a saudade. Isso porque durante a Semana Farroupilha, os costumes, a música, danças e, principalmente, a gastronomia gaúcha são celebradas com bem mais intensidade”. (**T4**)

A Semana Farroupilha pode ser considerada o marco maior de comemoração dentro dos CTGs, rememorando a bravura desse povo em suas lutas pelo território rio-grandense, tornou-se um marco para os tradicionalistas, por meio do qual reafirmam sua cultura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa de mestrado constituiu-se no sentido de abordar a cultura gaúcha e sua relação com a formação da cultura sul-mato-grossense, a partir da compreensão de como ocorreu o processo de apropriação territorial do povo gaúcho em Mato Grosso do Sul e qual a relevância de sua influência no âmbito do desenvolvimento local e formação da identidade cultural.

Sendo assim, no capítulo 1 tratou-se sobre a constituição identitária do povo gaúcho, por meio do levantamento histórico, foi possível então compreender o processo de constituição da cultura gaúcha no Rio Grande do Sul, bem como correlacionar os personagens que fizeram parte deste momento social, percebendo-se a divergência de pensamento entre os diferentes atores que fizeram parte do processo inicial de colonização a fim de estabelecer as conexões necessárias para o estudo. Outro aspecto evidenciado neste capítulo, foi a presença da população indígena na região sul do país, bem como a participação dos religiosos jesuítas no trabalho de contato e organização desses grupos indígenas, sendo ambos de fundamental importância para o desenvolvimento da região. Outro marco importante da tomada deste território se refere ao tempo da instalação da agricultura por meio da chamada “Frente Açoriana” de colonização, por volta de 1751, constituindo a primeira classe camponesa do Rio Grande do Sul.

Ao longo do processo, muitas concepções foram sendo modificadas, principalmente em função do conhecimento histórico, ao desmistificar questões como a constituição dos grupos raciais que deram origem ao personagem gaúcho, seus elementos identitários culturais e os processos que levaram os mesmos à busca pela perpetuação de suas tradições. O papel atribuído aos diferentes grupos (colonizadores, indígenas, imigrantes) e sua real participação na ocupação e desenvolvimento do estado, permitem elucidar a relação entre as diferentes culturas e o surgimento da cultura gaúcha.

É possível concluir, a partir das explanações históricas apresentadas, a inegável contribuição dos diferentes grupos imigrantes, para o desenvolvimento da região sul do país, em especial o estado do Rio Grande do Sul, território inicial de batalhas e conquistas, no qual a presença destes povos mostrou-se extremamente valiosa nos mais diferentes aspectos.

No segundo capítulo, buscou-se compreender como as áreas de cultura, identidade, memória e tradição se complementam no processo de formação identitária do povo do Rio

Grande do Sul, por meio da construção de significados envolvendo os diferentes ramos das ciências sociais.

Ficou evidenciada a compreensão de que as diferentes concepções de cultura convergem como sendo um conjunto de expressões que caracterizam uma determinada sociedade, podendo sofrer transformações, adaptações e evoluções, englobando arte, valores sociais, tradições, crenças e tudo o mais que estiver relacionado ao modo de viver de um povo, dentro de sua lógica própria. A pesquisa também assinalou que as identidades sociais e culturais não podem ser interpretadas como sinônimos, visto que ambas possuem concepções diferenciadas, assemelhando-se apenas, pelo fato de não terem um significado objetivo e unânime.

Ao longo da pesquisa realizada neste capítulo, ao se relacionar a identidade social gaúcha com o contexto teórico apresentado, percebe-se claramente a relação entre a identidade e a questão histórica, a partir de uma sintetização de diversos elementos das diferentes culturas participantes do processo de colonização. Houve neste contexto, uma apropriação a partir de uma ressignificação de seus elementos culturais, visto que a identidade gaúcha atual não corresponde ao seu significado originário, pelo contrário, é uma reinvenção de algo que possuía um sentido pejorativo, ou seja, do gaúcho errante, sendo transformado em um novo conceito e passando a ser aceito pela sociedade de modo geral, inclusive as camadas mais elitizadas.

Com relação à memória, percebeu-se que esta se constrói coletivamente, a partir de diferentes histórias que enaltecem a cultura local e seu povo, bem como a repetição de padrões considerados positivos dentro da sociedade pois cria-se um personagem e incute-se ao mesmo um discurso que o justifica. O gaúcho precisa se tornar um mito para que seja respeitado e valorizado, para que saia da marginalidade que lhe foi atribuída inicialmente, tornando-se um modelo de herói próprio daquele grupo social, quanto à tradição, por sua vez, não é explicável, apenas justificam-se as atitudes com base na repetição de hábitos dos antepassados, destacando-se inclusive no discurso literário, como representante regional.

Destaca-se ainda neste capítulo que, a chegada de novos modismos, provenientes do processo de globalização ainda na primeira metade do século XX, criou-se uma confusão na identidade cultural local, que precisava ser combatida com a retomada das tradições históricas, vistas pela sociedade rio-grandense como parte indissociável de sua personalidade, daí o surgimento, o fortalecimento e expansionismo dos Centros de Tradição Gaúcha por várias regiões brasileiras, como uma necessidade de autoafirmação, pelo amor à terra e sua relação com o modo de vida nas estâncias, a agricultura e pecuária. Observa-se então, a ênfase nos

aspectos materiais, na indumentária e nos objetos de uso pessoal, além de alguns elementos de uso na lida diária com o campo ou nos afazeres domésticos com relação ao personagem gaúcho e nos aspectos imateriais, destacam-se o linguajar, músicas, danças e alimentação. Todas as duas categorias mesclam diferentes procedências da formação étnico-racial do Rio Grande do Sul, ou seja, misturam os conhecimentos dos diferentes povos que fizeram parte da composição original do gaúcho.

Fica evidenciada neste capítulo, a diferença com outras dimensões do regionalismo que o gauchismo não quer estudar ou escrever sobre o gaúcho, mas oferecer um culto às tradições por “encarnação” de uma imagem do gaúcho e a sua personificação pelos tradicionalistas tem a pretensão de representar o “verdadeiro”, o “mito”, representante de uma imagem idealizada e heróica, embora muitas de suas características atribuídas tenham sido claramente romantizadas. Procura-se então perpetuar-se na cultura regional por meio da repetição de padrões, como suas vestimentas, hábitos pessoais, linguajar, crenças e demais manifestações sociais.

No capítulo 4, as abordagens voltaram-se à migração gaúcha para Mato Grosso do Sul, a partir do contexto histórico e social em que ocorreram as migrações para o estado. Foram trabalhados os conceitos dos termos pertinentes, como lugar, espaço, território e territorialidade, assim como os meios utilizados por essas comunidades para garantir a preservação da cultura gaúcha no novo território. A ocupação gaúcha em terras do sul do Mato Grosso ocorreu em função inicialmente da Guerra do Paraguai entre 1864 e 1870, por meio de um grande voluntariado gaúcho, constituído principalmente por descendentes de alemães, além de negros e uma pequena parcela de italianos.

Outro processo de migrações provenientes das regiões do sul do país, incentivados pelo cenário de crise social estendeu-se até o início do século XX quando em função de problemas econômicos, políticos e sociais nas regiões do sul do país, chegam às terras do Mato Grosso e atual Mato Grosso do Sul. Evidencia-se neste contexto, que a migração gaúcha em relação ao centro-oeste tornou-se uma alternativa extremamente valorizada e se intensificaram, durante o Estado Novo (1937-1945) quando Getúlio Vargas empreendeu a chamada “Marcha para o Oeste”, em 1938.

Neste capítulo, fica claro que a chegada do gaúcho, assim como de outros migrantes, proporcionou o desenvolvimento local e o crescimento de pequenas vilas que se transformaram em cidades, assim como da manutenção da cultura gaúcha e seus costumes indissociavelmente

vinculada à história dos CTGs intimamente relacionados à chegada dos grandes grupos migratórios ao estado, quando ainda Mato Grosso. Este capítulo também evidencia que marcam a identidade gaúcha no que diz respeito ao desenvolvimento local, econômico e social a dedicação ao trabalho e ao cooperativismo, adaptando-se às exigências de novos estilos empreendedores que se faziam necessários.

O quinto capítulo apresenta a análise de textos jornalísticos publicados em jornais de Mato Grosso do Sul e disponíveis online, na data da comemoração da Revolução Farroupilha, (20/09) evidenciando como ocorrem os discursos, ou seja, institucionalizando os sentidos no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Para a realização das análises foi utilizada a teoria de Teun Van Dijk na Análise Crítica do Discurso a partir da delimitação nas categorias analíticas: Sociedade, Cognição e Discurso, em razão de que estas categorias mantêm entre si, uma inter-relação na medida em que uma se define pela outra: as formas de conhecimento ideológicas são sociais e construídas no e pelo discurso.

Foram selecionadas então dentre as formas analíticas as macroestruturas semânticas, ou seja, o que os discursos querem dizer, ou seja, o conjunto das macroestruturas de proposições (macro proposições) que objetivam dar sentido, unidade e coerência global ao texto. A partir das macroestruturas selecionadas dos diferentes textos pesquisados, foi feita a sumarização com o objetivo de se inferir a macro proposição de nível mais alto, ou seja, o tópico geral ou os princípios gerais sobre como os assuntos foram analisados. Os discursos retirados dos textos selecionados foram divididos em Categoria 1 – Visão Histórica; Categoria 2 – Tradição; Categoria 3 – Desenvolvimento em Mato Grosso do Sul e Categoria 4 – A Semana do Farroupilha e a marca identitária dos CTGs.

Com relação à categoria –Visão Histórica, infere-se nos textos analisados, a relevância histórica e social da chegada dos gaúchos à região Centro Oeste do Brasil, mais especificamente em relação ao estado de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. A presença se fez notar desde o século 18, vindo a se fortalecer no século 20, a partir do ano de 1970. É nítida a contribuição para o desenvolvimento social e econômico do nosso Estado, com destaques ao trabalho agrícola, criação extensiva de gado e a inserção de novas tecnologias nestes locais, como também em outros segmentos como indústria e comércio.

Com relação à categoria – Tradição, a necessidade de manter viva a cultura gaúcha mesmo estando longe do Rio Grande do Sul, fica evidenciado tanto nos discursos proferidos em

qualquer local como também na manutenção das tradições relacionadas à frequência aos CTGs, aos hábitos do chimarrão e do consumo do churrasco.

Com relação à Categoria 3 - Desenvolvimento em Mato Grosso do Sul , os discursos selecionados reforçam os objetivos mais relevantes da vinda dos gauchos para o então Mato Grosso: extração da erva-mate, mas, as macroestruturas reforçam que a agricultura (soja) e pecuária foram as molas propulsoras não só da vinda ao Estado como também da impulsão ao desenvolvimento do MS, recém-criado, assim como a presença gaúcha em outros setores do desenvolvimento das regiões sul-mato-grossenses, principalmente Chapadão do Sul e São Gabriel do Oeste, cidades estas com a presença marcante da comunidade gaúcha.

Com relação à categoria 4, a Semana do Farroupilha e a marca identitária dos CTGs, evidenciou-se que esta comemoração ao longo das décadas, representa uma simbologia de reforço identitário como forma de homenagear o povo gaúcho em sua dimensão local , regional e nacional a partir da manutenção viva do fato histórico que é a Revolução Farroupilha, assim como a comemoração anual deste evento, que ocorre nos Centros de tradição Gaúcha, nitidamente em Mato Grosso do Sul, nos mais de vinte CTGs existentes.

A presença do churrasco, leitão no rolete e chimarrão traz a marca identitária da cultura gaúcha assim como as demais festividades existentes nos CTGs “ não só para manter a tradição viva, mas também na hora de segurar a saudade. Isso porque durante a Semana Farroupilha, os costumes, a música, danças e, principalmente, a gastronomia gaúcha são celebradas com bem mais intensidade”. (T4).

A análise dos textos neste capítulo, permitiu a esta pesquisadora refletir sobre como o processo migratório e imigratório contribuiu para reforçar o espírito multifacetado do estado do MS, composto por diferentes culturas de migrantes e imigrantes que contribuíram para a formação identitária local. No entanto, quanto a este aspecto, é possível afirmar que a identidade gaúcha, por sua vez, tem-se mantido unificada em torno de suas tradições, hábitos e costumes. Neste sentido, percebe-se que há por parte da população do Mato Grosso do Sul uma identificação com esta cultura seja na frequência aos CTGs, aos hábitos do uso do chimarrão e churrasco, músicas e danças, sem, contudo, perceber-se a mesma integração por parte da comunidade gaúcha, na absorção da cultura local, com raras exceções.

REFERÊNCIAS

- ARCA, Revista de divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande – MS, n°.7, p. 10, 11 e 13, 14; **Italianos, espanhóis e portugueses: diferentes culturas sedimentam identidade de Campo Grande**; 2000.
- AQEL, Maria Eloiza Carvalho. **A evolução da figura do herói gaúcho em três fases no tempo**. Santa Cruz do Sul, 2011.
- BARROSO, Véra Lucia Maciel (Ed.). **Açorianos no Brasil: história, memória, genealogia e historiografia**. EST Edições, 2002.
- BASTOS, Rogério Pereira. **MTG 50 anos de preservação e valorização da cultura gaúcha**. Colaboração e Manoelito Savaris. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha, 2016. 184 p.
- BENCKE, Glaysen Ariel; CHOMENKO, Luiza; SANT'ANNA, Danilo Menezes. **O que é o Pampa**. CHOMENKO, L.; BENCKE, GA Nosso Pampa Desconhecido. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, p. 16-27, 2016.
- BORSARI, Gabriela Miguel. **Faces da Morena**. Campo Grande, MS: UFMS, 2007. 68 pg.
- CALVI, Francis. **Tradicionalismo: relações entre cultura gaúcha e a cultura de descendentes de italianos em Encantado/RS**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento/no-dia-dos-gauchos-historias-de-quem-deixou-o-rio-grande-para-viver-em-ms>. Acesso em: 10/07/2017.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. (vol II). A Construção da identidade**, p. 22-28, 1999.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- CIRNE, Paulo R. de Fraga. **Tradicionalismo gaúcho organizado: 70 anos de história (1947-2017)**. Porto Alegre: Exclamação/Evangraf, 2017. 232 p.
- COLBARI, Antonia. **Familismo e ética do trabalho: o legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira**. Revista Brasileira de História, v. 17, n. 34, p. 53-74, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881997000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 20/03/2018.
- DA CUNHA, Lauro Pereira. **Índios Xokleng e colonos no Litoral Norte do Rio Grande do Sul (séc. XIX)**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

- DA SILVA, Andreia Jussara Cardoso; VIDAL, Viviane Pouey. **A cultura indígena e sua influência na formação da identidade riograndense: educação patrimonial e arqueologia nas escolas.** Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 7, n. 2, 2016.
- DE AZEVEDO, Fernando. **Tomo 3: A transmissão da cultura.** São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1958.
- DE CASTILHO, Maria Augusta, Mauro Mallmann Arenhardt, and Cleonice Alexandre Le Bourlegat. **"Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento Aroeira, Chapadão do Sul, MS."** Interações (Campo Grande) 10.2 (2016).
- DE CASTILHO, Maria Augusta. MITIDIERO, Marilda Batista. **O museu José Antônio Pereira: a educação patrimonial no contexto da territorialidade urbana de Campo Grande – MS. Campo Grande: Gráfica Mundial, 2011.**
- DE OLIVEIRA SANTOS, Miriam. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. **REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 18, n. 34, p. 27-43, 2010.
- DE FREITAS, Leticia Fonseca Richthofen, and Rosa Maria Hessel Silveira. **"A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana."** *Educação* 27.2 (2004).
- DE OLIVEIRA, Alberto Juvenal. **Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades.** Editora AGE Ltda, 2002.
- DE OLIVEIRA ANDRADE, Manuel Correia. **Tordesilhas: um marco geopolítico.** Fundação Joaquim Nabuco, 1997.
- DE OLIVEIRA SANTOS, Miriam. **A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios.** REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 18, n. 34, p. 27-43, 2010.
- DORSA, Arlinda Cantero et al. **Lingua e Discurso nas crenças culturais sul-pantaneiras.** Editora Appris, 2013.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais uma introdução.** In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org). **O que é afinal.** Estudos Culturais. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 135-166.
- EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARQUEOLOGIA NAS ESCOLAS. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 7, n. 2, 2016.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social.** (Coordenação da trad.) Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001

- FERREIRA, Cyro Dutra. "**35-CTG**": o pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho-MTG. Porto Alegre: Martins Livreiro. 1995, 2ª edição.
- FONSECA, Pedro Ari V. **O gaúcho quem é...** São Paulo: Pe Berthier. 1998.
- _____. **Gentes de Campo Grande**. Loisa Mavignier, organizadora. 2. Ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015. 360 p.
- GEERTZ, Clifford. **A transição para a humanidade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1996.
- GOETTERT, JD. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou**. 2004. 466p. Tese (Doutorado em Geografia)–Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2004.
- GOMES, Ana Carolina Rios. **Patrimônio cultural imaterial: o tradicionalismo sul-riograndense e a multiterritorialização da identidade gaúcha**. 2010
- GOULART, Jorge Salis. **A formação do Rio Grande do Sul**. Martins Livreiro, 1978.
- GRZYBOVSKI, Denize; DA SILVA PEREIRA, André. **Desenvolvimento Econômico na Região Colonial no Rio Grande do Sul uma análise histórica das implicações da Constituição Econômica de 1891 nas empresas familiares**. *Desenvolvimento em Questão*, v. 11, n. 24, 2013.
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural nos pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais. Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 169-190, 1999.
- HOBSBAWM, Eric. **Introdução: a invenção das tradições**. v. 3, p. 09-23, 1984.
- HUTTER, Lucy Maffei. **Imigração italiana: aspectos gerais do processo imigratório**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 27, p. 59-73, 1987.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa_google.shtm. Acesso em: 15/07/2017
- KOHL, Aline Kraemer de Mello. **Comunicação e aspectos folkcomunicacionais na cultura gaúcha tradicionalista regionalizada**. 2017.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos e metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss**. In: MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUFF, 1950.

- LIMA, Jarbas. **Tradicionalismo--: responsabilidade social: reflexões**. Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2004.
- LESSA, Luiz Carlos Barbosa. O sentido e o valor do tradicionalismo. In: **Publicação da SAMRIG, por ocasião do 25o Congresso Tradicionalista**. s/d. 1954.
- LORO, Alexandre P. **O movimento migratório em Mato Grosso do Sul no início do século XX: o jogo como um referencial para o entendimento das relações sociais**. Editora UFGD, Dourados: 2010.
- LOVE, Joseph L. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LUVIZOTTO, CK. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- _____. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- MARIANI, B. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. Tese de doutorado. UNICAMP – Campinas. SP. 1996.
- MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Sobre histórias não contadas**. História Unisinos, v. 17, n. 1, p. 66-68, 2013.
- MARQUES, Heitor Romero et al. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Campo Grande: UCDB, p. 55, 2006.
- MÜLLER, Sérgio Carlos. **Narrativas identitárias: a construção da identidade do gaúcho em Passo Fundo-Rio Grande do Sul**. 2011.
- NEUMANN, Eduardo Santos. **A fronteira tripartida: a formação do Continente do Rio Grande–Século XVIII. Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, p. 24-46, 2004.
- _____. **Nossos símbolos: nosso orgulho**. Organizado por Manoelito Carlos Savaris. Porto Alegre: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, 2008. CORAG. 108 p.
- PACHECO, Maria F. de Souza Docca. **Colonização no Rio Grande do Sul**. Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, n. 1, p. 6-16, 2014.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **A invenção da sociedade gaúcha**. Ensaios FEE, v. 14, n. 2, p. 383-396, 1993.
- PETRI, Verli. **A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do " gaúcho"**. letras, n. 37, p. 227-243, 2008.

- PINHO, Louise Silva. **A representação do gaúcho: do cancionero à contemporaneidade.** web revista linguagem, **EDUCAÇÃO E MEMÓRIA**, v. 2, n. 2, 2012. www.uems.br/lem
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992., pg 201
- PORTO, Cristiane de Magalhães. **Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica.** Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, p. 93-122, 2011.
- REVERBEL, Carlos. **O gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata.** L&PM Editores, 1986.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015..
- RICHTHOFEN de Freitas Fonseca, Letícia; SILVEIRA HESSEL, Rosa Maria. **A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana.** Educação, v. 27, n. 53, 2004.
- ROCHA, Betty Nogueira et al. **Em qualquer chão: sempre gaúcho! A multiterritorialidade do migrante gaúcho no Mato Grosso.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- SALEH, Francys Peruzzi. **Bombacha: o símbolo da identidade gaúcha.** ModaPalavra e-periódico, v. 8, n. 15, p. 175-201, 2015.
- SANTOS, Eliane. **Literatura e Sociedade: Rompendo paradigmas – A Resistência da mulher negra em uma sociedade branca, urbana e machista.** Terra Roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários, v. 17 – B (dez 2009).
- SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** Expressão Popular, 2009.
- SCHEIBE, G. **Cultura gaúcha** - o tradicionalismo como marca regional. Disponível em: www.sullivre.org/sul-independente-e-suas-tradicoes. Acesso em: 10/07/2017.
- SILVEIRA, Verli Fátima Petri da. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins.** 2004.
- TATSCH, Juliane. **O discurso regional na constituição da identidade do gaúcho.** Porto Alegre: 2017.
- TYLOR, Edward. **Cultura primitiva.** Londres: John Mursay & Co, 1871.
- VAN DIJK, T. **Semântica do discurso.** In: PEDRO, E. R. (Org.) Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997.

_____. **Discurso e poder.** Trad. de Judith Hoffnagel et al. Org. de Judith Hoffnagel e Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva.** Trad. de Rodolf Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

WEINGARTNER, AAS. **São Gabriel do Oeste: memória e imagem de uma história. Campo Grande, MS: Ed. Fundação de Cultura de MS, 2005.**

WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926).** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.